

SENHORA DA PÓVOA

UM CASO DE
RELIGIOSIDADE
POPULAR NUMA
COMUNIDADE
DA RAIA
PORTUGUESA



**“O CÉU É DE QUEM O GANHA A TERRA
É DE QUEM A AMANHA”**

Michel Giacometti (“O povo que canta” – 1971/1974)

SENHORA DA PÓVOA

UM CASO DE
RELIGIOSIDADE
POPULAR NUMA
COMUNIDADE
DA RAIA
PORTUGUESA

FICHA TÉCNICA

TÍTULO
Senhora da Póvoa: um caso de religiosidade popular numa comunidade da raia portuguesa

INVESTIGAÇÃO
André Oliveirinha

TRANSCRIÇÃO DE TEXTOS
Tiago Alves

PROJETO GRÁFICO
Vitor Gil

REVISÃO DE TEXTO
Cristina Cerdeira; Micaela Pelicano

ISBN
978-989-35103-9-1

DEPÓSITO LEGAL
547303/25

IMPRESSÃO
Europress – Indústria Gráfica

TIRAGEM
500

EDIÇÃO
Maio de 2025
Câmara Municipal de Penamacor





AGRADECIMENTOS

À Cristina, minha namorada, pela paciência e perseverança.
Ao meu pai e minha mãe, que constituem as raízes do que hoje sou.
Ao Pedro Salvado pela sabedoria e auxílio prestado.
À Otília e ao Joaquim Capelo, mordomos da romaria pela preciosa ajuda.
Ao Padre Bruno Lopes que me abriu as portas da Senhora da Póvoa.
Ao Professor Ángel Espina pelos sábios conselhos e pela amizade.
E a tantos outros que estiveram envolvidos neste trabalho.
Bem-Hajam!



RESUMO

A cultura popular concebe-se como uma importante base documental para o estudo das comunidades de um território. Este trabalho debruça-se sobre o estudo de caso do culto à Senhora da Póvoa, inserido dentro da temática da religiosidade popular e tudo o que este conceito encerra.

Tendo por base a perspectiva da comunidade, este trabalho tem como objectivo máximo a preservação pelo registo das ritualidades em torno da romaria, bem como a análise antropológica do que é a Senhora da Póvoa nas geografias circunscritas ao que actualmente se conhece como raio de acção deste culto.

Apresentam-se algumas hipóteses de análise do território envolvente do ponto de vista histórico e material, mas também no âmbito afectivo e imaterial. Realizando o longo caminho que vai desde os primórdios dos momentos de ritualização deste espaço até aos processos de sacralização cristã que ocorreram algures no século XII. Tendo como auge da sua análise a baliza cronológica da primeira metade do século XX e a actualidade.

Os impactos que o passar do tempo promove nestes contextos bem como a preservação da memória das comunidades locais são alguns dos pormenores apresentados no decorrer das páginas seguintes.

PALAVRAS CHAVE

Senhora da Póvoa, religiosidade popular, identidade cultural, ritualidades, memória oral, comunidade e romaria



NOTA PRÉVIA

A romaria da Senhora da Póvoa constitui-se como um importante marco de identidade cultural para as comunidades do concelho de Penamacor. Tal como refere Manuel Pires Bento na obra *À Luz da Estrela*, reeditada em 2022 pela Câmara Municipal de Penamacor em consonância com a família, e que se constitui como uma importante obra de cariz etnográfico para conhecimento da realidade de religiosidade popular do concelho de Penamacor, esta romaria terá sido, durante a primeira metade do século XX a terceira maior romaria de Portugal, com S. Torcato de Guimarães e a Senhora das Necessidades de Lamego à sua frente.

Durante anos acorriam ao santuário centenas de peregrinos em todo o ano, chegando aos milhares no dia da sua festa, que ocorre todos os anos no Domingo de Pentecostes, cinquenta dias após o Domingo de Páscoa. Foi e continua a ser um dia de reunião familiar para os habitantes da freguesia do Vale da Senhora da Póvoa em particular, e em geral para todo o concelho de Penamacor, dirigindo-se ali algumas centenas de romeiros para prestarem culto à invocação da Virgem Maria.

Conhecendo a decadência da mesma, e em boa hora, se realizam trabalhos de estudo do género que aqui se apresenta possibilitando o conhecimento mais profundo e a perpetuação do mesmo através dos tempos. Estes estudos antropológicos permitem quer a divulgação quer a valorização destes patrimónios imateriais e materiais relacionados com os territórios, as vivências e as memórias das comunidades locais que além de enriquecerem os territórios os tornam vivos, de certa forma.

Para além disso permite que sejam realizados alguns investimentos no que toca aos aspetos relacionados com o turismo religioso. Na atualidade existe cada vez mais a necessidade de olhar para estes locais do ponto de vista do aproveitamento turístico, pelo facto de se constituírem como locais de uma beleza impar que necessitam de ser valorizados desse ponto de vista, tornando-se como um cartão-de-visita para estes territórios ditos de baixa densidade populacional.

O Município de Penamacor continuará a realizar e a apoiar estudos deste género viabilizando a valorização destes aspetos de patrimónios culturais materiais e imateriais, neste caso ficando como uma importante ferramenta para trabalhos futuros.

Ilídia Cruchinho

Vice-Presidente da Câmara Municipal de Penamacor

PREFÁCIO

“En Roma, se romano”. Y en las romerías donde somos romeros, de alguna forma también somos romanos.

La romería entraña salir del lugar de habitación ordinaria para peregrinar o para ir a un lugar sagrado y pasar allí un tiempo festivo. Ya no precisamente a Roma, a Santiago o a Jerusalén, pero sí a espacios sacralizados que conmemoran un Cristo, un mártir o una Virgen. En el caso estudiado antropológicamente en este libro se festeja una Virgen de extraordinaria importancia para Penamacor para la Beira y para todo Portugal, la Senhora de Póvoa del Vale de Lobo.

Nos informaba Manuel Pires Bento en su obra *À luz da Estrêla*, escrita en 1940, que:

“A romaria da Senhora da Póvoa de Vale de Lobo, segundo opinião autorizada, ocupa el terceiro lugar entre las maiores de Portugal. Depois das de S. Torquato de Gimarães e da Senhora dos Remédios de Lamego, debe estar ela.”

Asimismo, según este mismo autor, la romería nace en 1140, tiene un resurgir apreciable en 1640 y prosigue su importancia en el momento de su estudio, 800 años después, como hemos dicho, en 1940.

Pero ¿Por qué realizar un estudio de esta romería 80 años después del realizado por Bento?

Varios motivos justifican este nuevo estudio y no solo para poner al día los detalles de la celebración, sino por cuestiones más relevantes. En la actualidad y desde las perspectivas antropológicas se conoce mucho mejor la importancia de estas celebraciones marianas para un fomento adecuado y sano de la intraculturalidad de los pueblos. Muchas pesquisas hemos llevado a cabo sobre esta cuestión, en la que también se imbrican factores de territorialidad (con incremento del contacto positivo de las comunidades en lugares limítrofes) y, por esta misma razón, se facilita la deseable interculturalidad. Pues lo que queda claro es que estos cultos y romerías, especialmente los marianos, sirven de mediación entre lo “intra” y lo “inter”, en las culturas.

El estudio de André Oliveirinha pone eso de relieve pues al adoptar la perspectiva antropológica puede unir los elementos de la fiesta con el resto de las variables culturales del territorio de Penamacor, y del resto de esta bella zona transfronteriza: la religiosidad, los

simbolismos, la sociabilidad, la economía, los contactos, las familias, etc. Pues todo está interconectado y es solidario entre sí.

Además de ello se analizan en el libro los impactos negativos de la pandemia de 2020 sobre la fiesta y su superación, a la vez que se interpretan novedosamente muchos de los detalles de la celebración (cánticos, mayordomías, etc.)

Estamos así ante los resultados de una reposada pesquisa de campo etnográfica que, seguramente con una gran difusión, ayudará a conocer mejor la cultura de las gentes del municipio de Penamacor y servirá, asimismo, para difundirla en el ámbito nacional e internacional.

Pues “*Quem vê o seu povo, vê o Mundo todo*”.

Ángel B. Espina Barrio
Universidad de Salamanca, 1 de abril de 2025

ÍNDICE

- 17 INTRODUÇÃO AO OBJECTO DE ESTUDO E OBJECTIVOS
- 19 MARCO TEÓRICO CONCEPTUAL
- 23 METODOLOGIA E MÉTODOS APLICADOS
- 25 ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO
- 27 A ROMARIA DA SENHORA DA PÓVOA: APONTAMENTOS PARA O SEU ESTUDO
- 27 A SERRA D'OPA E AS SUAS ÁGUAS
- 29 PAISAGEM ARQUEOLÓGICA EM TORNO DO SANTUÁRIO
- 37 VALE DE LOBO E A SENHORA DO SÉCULO XIII AO XVIII
- 38 SENHORA DA PÓVOA ATRAVÉS DO FUNDO LENDÁRIO DEVOCIONAL
- 41 EX-VOTOS ENQUANTO MATERIALIDADES DEVOCIONAIS
- 45 O CANTO COMO FORMA DE ADORAÇÃO
- 51 A ROMARIA ETNOGRAFICAMENTE FALANDO
- 51 O ANTES
- 55 O AGORA EM TEMPOS DE PANDEMIA
- 65 CONCLUSÕES
- 73 BIBLIOGRAFIA
- 75 ANEXOS

SENHORA DA PÓVOA

UM CASO DE
RELIGIOSIDADE
POPULAR NUMA
COMUNIDADE
DA RAIA
PORTUGUESA



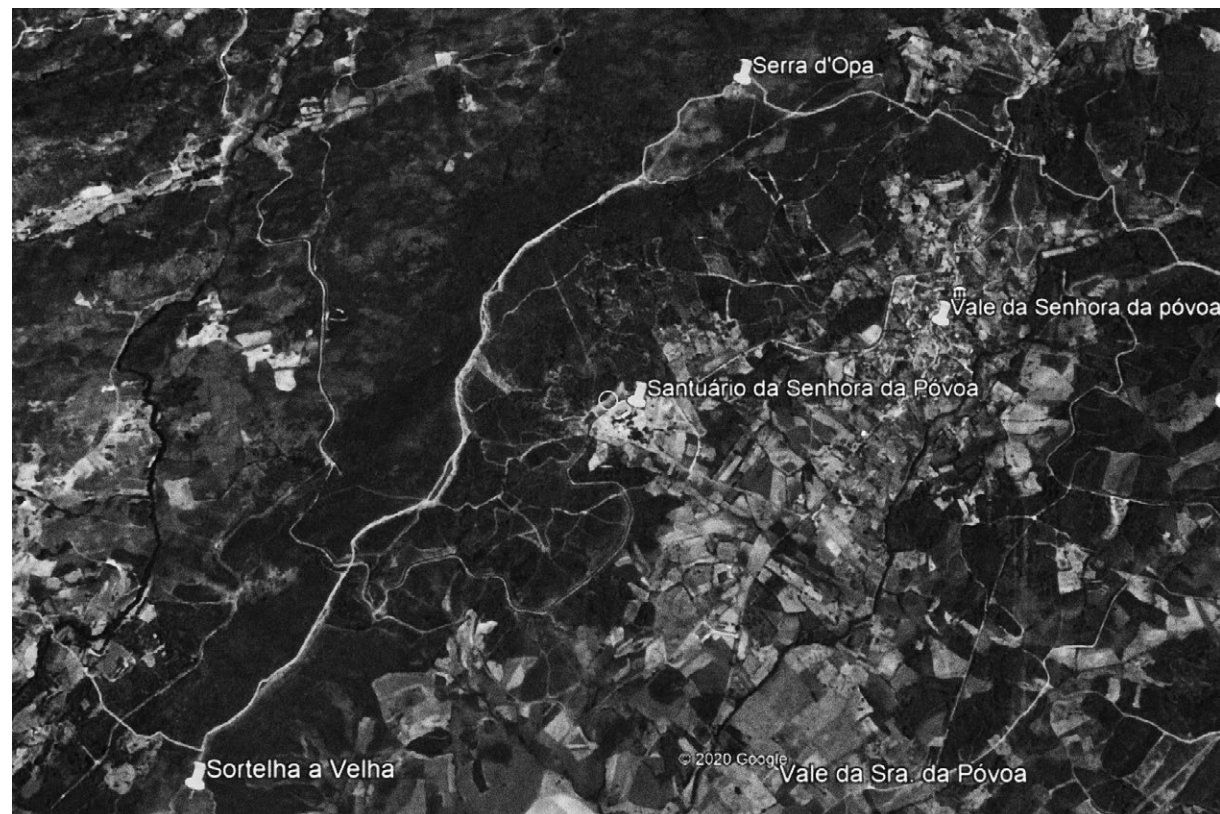
INTRODUÇÃO AO OBJECTO DE ESTUDO E OBJECTIVOS

A Senhora da Póvoa é uma das típicas romarias da Beira Baixa, situada na Freguesia do Vale da Senhora da Póvoa, Concelho de Penamacor no Distrito de Castelo Branco no actual território português, próximo da fronteira com Espanha, na chamada raia central portuguesa.

Este culto antiquíssimo, segundo algumas teorias poderá remontar os seus primórdios à ocupação romana do território, devido aos abundantes vestígios arqueológicos, deste período, encontrados quer no espaço do santuário da Senhora da Póvoa, bem como no triângulo das origens da comunidade, Vale da Senhora da Póvoa – Serra d'Opa – Sortelha a Velha, que tem como centralidade ocupacional o local de culto a esta invocação, como figura na figura 01.

Na perspectiva de alguns autores nomeadamente o etnógrafo Jaime Lopes Dias, “seria a maior romaria da Beira Baixa nos séculos XIX e XX”, e tal como indica o autor Nuno de Montemor no seu romance *Maria Mim*, a esta romaria acorriam peregrinos vindos do outro lado da Estrela, de Viseu, da Guarda nas faldas da Serra da Estrela, e até de Além Tejo⁰¹. Tendo um papel importante na definição das dinâmicas socio-culturais e económicas da região em geral, mas mais afincadamente nas comunidades do norte do concelho de Penamacor e sul do concelho do Sabugal, que em tempos de pandemia e infortúnios de saúde a ela acorriam pedindo auxílio divino, deixando alguma cultura material como símbolo da sua devoção, o caso dos *Ex-Votos*, aos quais se deu alguma atenção durante o trabalho de campo.

O objecto de estudo aqui em questão será o culto a Senhora da Póvoa enquanto ritual de religiosidade popular circunscrita a esta região. Sendo que o grupo que se propõe estudar é a comunidade da freguesia do Vale da Senhora da Póvoa alargando-se, a algumas freguesias



[Fig. 01] Triângulo das origens proposto no trabalho.

do concelho de Penamacor bem como a uma freguesia do concelho de Idanha-a-Nova, de onde desde há muito tempo um rancho de romeiros acorre, todos os anos, a esta romaria.

O que se pretende com este trabalho, numa primeira instância, é a criação de uma etnografia com o estudo de caso apresentado, numa tentativa de reconstituição da romaria através da memória oral, procedendo, numa segunda fase, à comparação de diferenças práticas e socio-culturais do antes e do agora, aplicando não só a linha diacrónica desde inícios do século XX até à actualidade, como também o caso da pandemia de Covid-19.

O problema que se propôs dar resposta no desenrolar deste trabalho é o entendimento que a comunidade tem do culto da Senhora da Póvoa, os aspectos funcionais e culturais da romaria com a variável da linha diacrónica acima expressa, o cruzamento entre o sagrado e o profano, mas também as diversas formas de alteração da mesma ao longo do tempo, numa tentativa de perceber se existe alguma transmissão de conhecimento intergeracional, observando questões como os laços familiares, os laços identitários, bem como a posição da romaria em relação aos aspectos políticos, culturais e económicos da comunidade.

Tomando as ideias de Ángel Espina, um dos autores referenciais nas definições do conceito de cultura foi Tylor, que a enuncia como “aquele todo complexo que inclui conhecimento, crenças, arte, lei, moral, costumes e qualquer outra capacidade e hábito adquirido pelo homem como membro da sociedade”, argumentando ainda que a cultura define-se como “um sistema integrado de padrões de conduta aprendidos e transmitidos de uma geração a outra, características de um grupo humano ou sociedade”⁰². Atentando nas palavras anteriores, este trabalho prende-se efectivamente com o estudo da cultura das comunidades apresentadas no decorrer do mesmo.

As perguntas objectivadas, apresentadas anteriormente, tomam importante relevância em relação à conjectura actual que assola o mundo, não só do ponto de vista da pandemia, mas também em relação à necessidade cada vez maior que as comunidades possuem de reforçar as identidades culturais, tomando esta romaria um ponto fulcral e constituindo-se como eixo identitário reafirmador da vitalidade cultural das comunidades estudadas. De certa forma identificando laços que as ligam às suas origens, e intensificando a agregação aos territórios. Neste caso tentar através deste trabalho compreender o porquê de a cada ano, por altura da romaria, os migrantes, devotos da Senhora da Póvoa regressarem à sua terra natal, definida pelo regresso às suas origens.

MARCO TEÓRICO CONCEPTUAL

Ao longo da realização deste trabalho houve a necessidade de tomar como bases teóricas uma série de conceitos inicialmente propostos, listagem que se mostrou concisa para a definição da temática em estudo. Tendo sido, numa primeira instância, abordado aquilo que se designa por “religiosidade popular”, e por conseguinte se encontra como base para o estudo proposto.

Nas seguintes linhas não se pretende de forma alguma dissertar sobre as diversas linhas teóricas que definem a perspectiva de religiosidade, pretendendo-se única e exclusivamente apresentar uma definição sucinta daquilo que se conhece como tema base de estudo.

A religiosidade popular define-se etimologicamente como a “qualidade que encerra em si uma relação com aquilo que é religioso ... no âmbito do popular, a expressão traduz aquilo que demais profundo, directo e intuitivo existe na alma do povo em relação a Deus e a todo o mundo transcendente”⁰³. Admitindo-se que estas práticas possuem um relacionamento directo com o sagrado e o profano, conceito dicotómico que será abordado mais adiante, numa estrutura ritualizada onde em primeiro plano se pode encontrar a liberdade de expressão do indivíduo, constituindo-se esta prática como fonte chave para a definição dos rituais implícitos na religiosidade popular.

Ainda no seguimento do pensamento de José Lima admite-se que a religião popular, tal como a música e a medicina, encontra-se empregnada de superstição e tradição, permitindo admitir que é uma religiosidade fundamentalmente tradicional. Surgindo, em jeito de oposição, às formas de interculturalidade e constituindo-se como o “lugar da preservação da identidade e até de uma certa desculturação”⁰⁴.

Na perspectiva do mesmo autor no contexto actual pode admitir-se que a religião popular “refere o aspecto quantitativo da incidência social, sendo que a igreja popular é a igreja de massas da multidão”⁰⁵, tomando relevo a questão de número de pessoas que levam esta prática como comum e ancestral.

Não podemos descurar a ideia de ancestralidade destas práticas, adimite José Lima que, dentro do pensamento antropológico este comportamento religioso encontra-se directamente ligado com o antigo paganismo greco-romano, que por sua vez se perpetua, podendo chegar até à actualidade em ambientes de matriz cristã⁰⁶.

Seguindo a opinião de diversos autores torna-se impreterível que esta temática seja analisada através das suas ligações com o meio social em que se insere. Atente-se nas palavras de Moisés Espírito Santo, onde admite que “a religião popular não está exclusivamente

[01] Nuno de Montemor, *Maria Mim*, Câmara Municipal do Sabugal, 4ª Edição, 2003, pág. 295 a 317.

[02] Ángel Espina, *Manual de Antropologia Cultural*, 2ª Edição, Amaru Ediciones, Salamanca, 1997, pág. 24.

[03] José da Silva Lima, “Religiosidade Popular”, in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Volume P-V, coordenação de Carlos Moreira Azevedo, Círculo de Leitores, 2001, pág. 108.

[04] José da Silva Lima, “Religiosidade Popular”, in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, pág. 110.

[05] José da Silva Lima, “Religiosidade Popular”, in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, pág. 108.

associada a uma classe social, económica e culturalmente pobre, ela liga-se sim a um tipo de cultura que se transmite nas relações de vizinhança e na memória colectiva”⁰⁷.

A ideia de memória constitui-se como outro dos conceitos imprescindíveis para o estudo da religiosidade popular, implícito ao longo deste trabalho. Tendo como um dos principais objectivos a tentativa de reconstituição da romaria de início do século XX, através da memória preservada na comunidade local, proposta no estudo.

Partindo do princípio etimológico de memória; do latim *memoris*, é concebida como a capacidade de fixação da experiência ou conhecimento adquirido, em alguns casos apenas pedaços destes, conseguindo trazê-los à mente. Esta prática cria-se como ponto importante na criação de conhecimento científico, onde toda a sua produção é gerada a partir de memórias de um passado reiterado no presente.

A memória pode estabelecer-se como um importante marco na definição da identidade cultural de uma população, distinguindo e aproximando os diversos indivíduos dos grupos sociais, chegando a caracterizar-se como essencial nos processos de afirmação de uma comunidade. É comum ouvir dizer-se que “um povo sem memória é um povo sem história”, percebendo a história como um factor preponderante nas definições das identidades de um dado grupo social, chega-se a este trio, imprescindível para o entendimento de toda a equação, história – memória – identidade.

Na perspectiva de Mickael Pollack “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como colectiva, na medida em que ela é também um factor extremamente importante do sentimento de continuidade de coerência de uma pessoa de um grupo na sua reconstrução de si”⁰⁸, proseguindo com a ideia anteriormente proposta de que a memória tem um papel importante nesta definição.

No caso específico do estudo proposto ao longo deste trabalho é obrigatório o entendimento de mais três conceitos: o de santuário, a dicotomia entre sagrado e profano e ainda a definição de romaria. Diversos autores têm-se debruçado sobre estas definições, apresentando para os casos analisados os autores Ángel Espina, Pedro Salvado, Pedro Penteado e Ernesto Veiga de Oliveira.

O santuário caracteriza-se como sendo “um local singularizado, qualificado e cheio de significados”⁰⁹, podendo considerar-se como ponto de grande atração devocional e focos de forte ritualidade.

Os santuários podem identificar-se, de acordo com a figura a que se presta o culto, segundo três denominações: santuários de Santos, quando o culto devocional se prende com um Santo; santuários cristológicos, quando o culto deriva da figura de Cristo e, por último, onde se insere o nosso caso de estudo, os santuários marianos, quando o fundo devocional conjuga-se como uma qualquer invocação à Virgem Santíssima, no caso a Nossa Senhora da Póvoa.

[06] José da Silva Lima, “Religiosidade Popular”, in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, pág. 105.

[07] Moisés Espírito Santo, *A Religião Popular Portuguesa*, 2ª Edição, Assirio e Alvim, Lisboa, 1990, pág. 17.

[08] Michael Pollack, “Memória e Identidade Social”, in *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, Volume V, nº 10, 1992, pág. 204.

Nas palavras de Pedro Penteado “o facto da procura dos santuários estar bastante dependente da presença dos materiais que lhe fornecem sentido realça a necessidade de signos palpáveis para comunicar com o sagrado, mais evidente nos meios sociais que apresentam dificuldades em interiorizar abstrações intelectualizadas do universo religioso”¹⁰. Nesta passagem encontra-se plasmada a necessidade que as comunidades possuem de abstracionar as devoções através de utensílios palpáveis, como caso específico das aparições em locais de criação dos santuários de adoração.

Observando a questão das geografias seleccionadas para implantação dos santuários, estes definem-se no exterior dos povoados, caracterizando-se pelo “afastamento das aldeias ou das áreas urbanas onde se desenrola a vida quotidiana”¹¹, muitas vezes em locais de ocupação anterior com cultos pagãos.

Na perspectiva de Pedro Salvado os santuários possuem um valor simbólico e constituem-se como “meio de individualização e apropriação de territórios”, sendo esta apropriação caracterizada pelas inúmeras procissões e romarias que os peregrinos realizavam em certas alturas do ano a estes lugares, passando a exercer uma “reapropriação simbólica do lugar marcando uma subtil fronteira entre o sagrado e os territórios da vida quotidiana onde as gentes da comunidade se sentiam irmanadas pelos ritos e pela Fé”¹².

Uma dicotomia assazmente importante para a definição da temática deste trabalho encontra-se naquilo que Lígia Pereira descreve como “duas realidades numa dialética fundamental” chegando a admitir que, actualmente, em momento algum se pode abordar em separado esta díade, do sagrado e profano.

Ainda no seguimento da mesma autora, o homem “exprime o sagrado através dos mitos, conceitos, acções rituais e símbolos”, continua referindo que “o sagrado é uma categoria de interpretação e de avaliação”, encarando isto como uma característica cultural do homem. No caso do profano, admite a autora que “tem valor, não é impuro pelo facto de não ser santo, o sentido pejorativo de profano apenas se aplica à criatura separada e oposta de Deus”¹³.

Na perspectiva do autor Ángel Espina esta importante dicotomia, para percepção do papel da religião na cultura, nasce com Durkheim. Dividindo o mundo em duas categorias associando-as cada qual com ambas as partes presentes na dicotomia sagrado e profano. Tendo-se então que o profano associa-se ao que é comum, ordinário caracterizando-se como o próprio quotidiano, por outro lado fica o sagrado que é associado com o estranho, o misterioso e pouco comum. Chegando mesmo a aproximar a magia e a religião à esfera do segundo caso¹⁴.

[09] Pedro Salvado, “O Fundão das Ermidas desaparecidas”, in *A Cidade Revista da Junta de Freguesia do Fundão*, Junta de Freguesia do Fundão, Fundão, 2005, pág. 52.
[10] Pedro Penteado, “Santuários”, in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Volume P-V, coordenação de Carlos Moreira Azevedo, Círculo de Leitores, 2001, pág. 165.

[11] Pedro Penteado, “Santuários”, in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, pág. 167.
[12] Pedro Salvado, “O Fundão das Ermidas desaparecidas”, in *A Cidade Revista da Junta de Freguesia do Fundão*, pág. 54.

[13] Lígia Pereira, “Sagrado e Profano”, in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Volume P-V, Coordenação de Carlos Moreira Azevedo, Círculo de Leitores, 2001, pág. 143.
[14] Ángel Espina, *Manual de Antropologia Cultural*, Amaru Ediciones, Salamanca, 1997, pág. 301.

Na experiência humana a percepção do sagrado faz-se a partir das práticas relacionadas com “o culto, o mito, a oração e o sacrifício”¹⁵, tudo o que tenha a ver com o inexplicável, o misterioso e ultraterreno.

Para o caso da definição de romaria atente-se nas palavras de Ernesto Veiga de Oliveira que apresenta, para o caso das romarias em Portugal, uma definição assazmente interessante devido ao facto de a inserir num contexto geográfico, social de estrutura familiar bem como económico específicos, “no triptico essencial da velha sociedade campestre portuguesa, a par com os conceitos da sua estrutura familiar e social ancestral, e no plano económico e material... sobressaem, no painel da sua vida espiritual e lúdica as romarias como uma das formas mais ricas de tradição local, pela importância do papel que desempenham e enorme diversidade de aspectos que apresentam”¹⁶. Caracterizando-se pelo prolongamento do espaço de liberdade, onde a expressão corpórea se pode dimensionar e tudo se processa com maior calma e alegria, onde o sagrado e profano assumem dimensões paralelas, cruzando-se em muitos pontos deste momento.

Sobre os aspectos funcionais da romaria diz-nos o mesmo autor que “as romarias pressupõem normalmentemte uma mordomia, confraria, ou comissão, constituída segundo as regras costumeiras, que têm a seu cargo a conservação do santuário, para a celebração a organização do peditório prévio e em seguida a própria festa, provendo a decoração dos altares e dos andores, comparência de música diversões e fogos de artifício. No dia, os seus membros de opa, velam pela ordem, e à entrada do templo ou na da confraria, ao lado, recebem os rótulos oferecidos ou entregues por promessas, vendem velas de cera e os registos com a imagem”¹⁷. Nestas palavras assistimos a uma descrição daquilo que são as funções do grupo de pessoas que, de certa forma, fazem a gestão da romaria, e que para o caso plasmado neste trabalho teve um papel importante, encontrando-se apresentado nas páginas adiante escritas.

Importante informação fornecida por Ernesto Veiga de Oliveira prende-se com a duração da romaria, bem como com procedência dos romeiros que acorrem a estes espaços de ritualidade, descrevendo que “estas duram vários dias, e atraem romeiros e forasteiros de toda a região e mesmo de terras distantes, tendo com frequência dado origem a peregrinações consagradas de lugares determinados, donde regularmente todos os anos comparecem as pessoas, certas romarias transfronteiriças ... conhecem mesmo uma frequência normal de espanhóis, que na festa têm o seu dia próprio”¹⁸.

Numa abordagem geral ao marco teórico conceptual, para realização deste trabalho temos os cinco conceitos apresentados anteriormente, religiosidade popular, memória, santuário, a díade sagrado e profano e a definição de romaria. Ligados, entre si, tiveram desde o início, um papel preponderante para as definições teóricas do trabalho que se desenvolve nestas páginas.

[15] Ángel Espina, *Manual de Antropologia Cultural*, pág. 301.
[16] Ernesto Veiga de Oliveira, *Festividades Cíclicas em Portugal*, coordenação de Joaquim Pais de Brito, Portugal de Perto Publicações

Biblioteca de Etnografia e Antropologia, Lisboa, 1984, pág. 217.
[17] Ernesto Veiga de Oliveira, *Festividades Cíclicas em Portugal*, coordenação de Joaquim Pais de Brito, pág. 217.

[18] Ernesto Veiga de Oliveira, *Festividades Cíclicas em Portugal*, coordenação de Joaquim Pais de Brito, pág. 219.

METODOLOGIA E MÉTODOS APLICADOS

A metodologia aplicada na realização deste trabalho, fulcral para a definição dos objectivos inicialmente propostos foi multivariada, com a finalidade de obter dados qualitativos e de certa forma quantitativos dentro das possibilidades da temática estudada.

Utilizando uma perspectiva *Etic*, baseada no ponto de vista do investigador e a partir de uma abordagem da parte para o todo, no entanto nunca descurando a perspectiva *Emic*, seguindo a abordagem do ponto de vista do observador externo, objectivando o todo convergindo para a parte. Especialmente no que toca ao trabalho etnográfico, como nos relata Malinowski que “considera que uma fonte etnográfica tem valor científico inquestionável sempre que possamos fazer uma distinção clara entre, por uma parte, o que são os resultados da observação directa e as exposições e interpretações do indígena e, por outra parte, as deduções do autor baseadas no seu sentido comum e capacidade de penetração psicológica”¹⁹.

Seguindo a opinião do autor Ángel Espina, onde afirma que o trabalho de campo revela-se como elemento fulcral para a investigação antropológica, é no entanto estritamente necessário, obter um conhecimento prévio das comunidades a estudar. Atente-se nas suas palavras: “...é preciso um estudo teórico anterior e uma selecção de hipóteses que depois se constatarão. Antes de ir ao lugar de trabalho deve já existir um conhecimento sumário da cultura e da sociedade que nos vai a acolher”²⁰. Para isso durante algum tempo foi realizado um levantamento bibliográfico exaustivo dentro do panorama local, regional, nacional e internacional, centrando-se numa primeira fase na temática do estudo e numa segunda fase concretando o estudo de caso em si. Este levantamento serviu como base de apoio para a definição dos objectivos bem como das hipóteses levantadas para o estudo.

Grande parte desta bibliografia encontra-se plasmada neste trabalho. Atente-se ainda nas palavras de Bronislaw Malinowski onde na sua obra *os Argonautas do Pacífico Occidental* nos relata a importância, para o antropólogo, da detenção de conhecimento prévio dos estudos recentes do objecto de estudo: “o etnógrafo tem que inspirar-se nos últimos resultados dos estudos científicos, nos seus princípios e objectivos”²¹, sendo para isso fundamental este primeiro levantamento bibliográfico.

Numa segunda fase, após identificação da problemática de estudo, objectivação da hipótese e selecção da metodologia a praticar, realizou-se a preparação dos instrumentos a serem utilizados. Tais como, diário de campo, utilizado para realizar uma sequenciação do trabalho de campo, bem como registar logo à partida as informações que se geraram, desde logo, como primordiais para o caso de estudo. Mas também os guiões²² das entrevistas que

[19] Bronislaw Malinowski, *Los Argonautas del Pacífico Occidental*, Volume I, Planeta Agostini, Barcelona, 1986, pág. 21.

[20] Ángel Espina, *Manual de Antropologia Cultural*, 2ªEdição, Amaru Ediciones, Salamanca, 1997, pág. 38.
[21] Bronislaw Malinowski, *Los Argonautas del Pacífico Occidental*, pág. 26.

[22] Ver guiões no Anexo II.

serviram de apoio para o trabalho de campo realizado, estes guiões foram divididos em quatro grupos: autoridades religiosas, autoridades políticas, mordomos e romeiros. Esta selecção e consequente divisão deu-se de forma a recolher e registar a informação o mais eclética possível, dentro da temática do estudo de caso.

Em paralelo com a preparação dos instrumentos deu-se uma primeira abordagem à comunidade de estudo com a consequente selecção dos informantes, que se revelaram como elementos preponderantes para a concretização deste trabalho. Esta selecção foi realizada com base nas descrições que o autor Ángel Espina realiza: “indivíduos que pelo seu posto, a sua sabedoria, ou simplesmente pela sua actividade podem proporcionar ao antropólogo relatos, descrições ou interpretações endógenas muito úteis”²³. Com essa finalidade foram eleitos dentro dos vários grupos onde se pretendia recolher informação alguns elementos chave para o caso, como por exemplo o presidente da junta de freguesia, o Padre local e um ou outro indivíduo que mais ligação tinham com a comunidade local.

Numa terceira fase iniciou-se o trabalho de campo realizando uma abordagem directa com a comunidade de estudo. Primeiro com algumas entrevistas, mas também tentando realizar alguma observação participante. Para o efeito e com base nas palavras de Ángel Espina, é importante “que o investigador viva na comunidade que está estudando e que em algum sentido deva converter-se num membro dessa sociedade mas ao mesmo tempo, há-de salvaguardar a distância que lhe permite objectivar a observação”²⁴. Durante o período de trabalho de campo participámos nas várias reuniões realizadas pelas entidades locais, como junta de freguesia, mordomia da Senhora da Póvoa bem como o Padre local, onde fomos recolhendo desde logo informações de carácter prático da organização da romaria, que nos serviram de base para a ligação com a romaria.

O trabalho de campo permitiu recolher, além das informações relacionadass directamente com a romaria em si, informações de carácter secundário que nos permitiram analisar a geografia territorial do ponto de vista das ritualizações em torno do santuário, apresentadas no capítulo sobre a ritualização das águas, bem como sobre a paisagem arqueológica em torno do santuário, utilizando a arqueologia que se caracteriza como ciência auxiliar da antropologia.

Este trabalho de campo, culminou com a participação no dia 23 de Maio na romaria da Senhora da Póvoa, onde tivemos a oportunidade de recolher preciosas informações para poder traçar uma etnografia precisa sobre a romaria em si.

Após o trabalho de campo seguiu-se a análise dos dados recolhidos com a realização das etnografias inicialmente propostas, a reconstituição da romaria na primeira metade do século XX, bem como a apresentação de propostas para a revitalização da romaria dentro das dinâmicas regionais.

[23] Ángel Espina, *Manual de Antropologia Cultural*, pág. 39.

[24] Ángel Espina, *Manual de Antropologia Cultural*, pág. 39.

ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

O Santuário da Senhora da Póvoa situa-se na actual freguesia do Vale da Senhora da Póvoa, no sopé da Serra d'Opa. Esta freguesia originalmente chamava-se Vale de Lobo até aos anos 60 do século XX. Encontrando-se inserida no Concelho de Penamacor, pertence ao Distrito de Castelo Branco e actualmente fica localizada na Região Centro (NUT II), na Beira Interior Sul (NUT III), na designada Província da Beira Baixa.

O Concelho de Penamacor é ladeado, a norte pelo Concelho do Sabugal, a poente pelo Concelho do Fundão²⁵, a sul pelo Concelho de Idanha-a-Nova²⁶ e a nascente faz fronteira com a Província da Estremadura espanhola.

Um concelho que conta com cerca de 5900 habitantes²⁷, é caracterizado pelas suas paisagens rurais, nas quais cerca de um terço de todo o território encontra-se inserido na área da Reserva Natural da Serra da Malcata²⁸. Tem localização na passagem da Meseta Central Ibérica para a superfície de Castelo Branco, numa das encostas da cordilheira montanhosa conhecida como cordilheira central ibérica. Este antiquíssimo acidente geomorfológico, de orientação nordeste-sudoeste, estende-se ao longo da Península Ibérica e rasga o território desde os picos de Guadarrama, passando pelas serras de Gredos e da Gata, em território castelhano, e continuando pela Malcata, pela Gardunha, até à Serra da Estrela, em território nacional, assumindo uma posição central na raia portuguesa.

As paisagens deste território caracterizam-se a norte por um panorama de carácter montanhoso, onde se insere o Santuário da Senhora da Póvoa e o ponto central do estudo deste trabalho, opondo-se ao Sul mais plano, a abrir para as campinas das Idanhas²⁹, tendo como centralidade o afloramento granítico cujo ponto mais elevado regista cerca de 600 metros acima do nível do mar, onde nasceu a Vila sede de concelho conhecida como Penamacor.

Um dos eixos preponderantes para a definição das estruturas de povomento deste território encontra-se na extensa rede hidrográfica que possui. Com ribeiras e riachos de pequeno caudal a confluir para rios de maior envergadura, como o Erges (ou Río Eljas) e o Pônsul. Esta rede é composta pelo rio Torto, que delimita a atual fronteira, entre o Concelho de Penamacor e Espanha, que se encontra com o rio Bazágueda, onde, por sua vez, alimenta o Erges. A ribeira da Meimoa que se estende até às imediações do Fundão e se

[25] Ambos os concelhos integram a sub-região das Beiras e Serra da Estrela, fazendo parte da actual Comunidade Intermunicipal das Beiras e Serra da Estrela (CIMBSE).

[26] O concelho de Idanha a Nova e Penamacor fazem parte da actual Comunidade Intermunicipal da Beira Baixa (CIMBB).

[27] Segundo os dados dos censos de 2011, o nº de habitantes era de 5682.

[28] A Reserva Natural da Serra da Malcata foi criada em 16 de Outubro de 1981, por Decreto-Lei nº 294/81, de 16 de Outubro, tendo sido reforçado pelo Decreto-Regulamentar nº 28/99 de 30 de Novembro, com o principal objectivo de protecção e salvaguarda, especialmente do afamado lince ibérico (*Linx Pardinus*), mas também de toda a fauna e flora da Serra Malcata. <http://www2.icnf.pt/portal/ap/r-nat/rnsm/class-carac> [consultado a 01-05-2021].

[29] <https://www.cm-penamacor.pt/o-concelho/caraterizacao> [consultado a 01-05-2021].



[Fig. 02] Entrada do Santuário de Nossa Senhora da Póvoa vista do interior do recinto.

une com o Zêzere, ou a ribeira das Taliscas, nascendo a sul de Penamacor vai desaguar ao rio Pônsul na barragem Marechal Carmona, já em território do Concelho de Idanha-a-Nova. Entre estes, pode ainda contar-se com a ribeira de Ceife, a ribeira de Valdedra ou a ribeira da Senhora da Póvoa.

A ROMARIA DA SENHORA DA PÓVOA: APONTAMENTOS PARA O SEU ESTUDO

A SERRA D'OPA E AS SUAS ÁGUAS

A posição geográfica dos santuários de culto cristão há muito que gera controvérsia entre os investigadores, é certo, no entanto, que em grande parte dos casos assiste-se a uma reutilização de espaços com culto anterior, em muitos casos pagão, tal como o afirma Ángel Espina “a crença do povo acentua-se aos lugares naturais já previamente sacralizados mas também por razões sociológicas e culturais.

Muitas ermidas erguem-se em lugares habitados previamente por lamias, em picos de bruxas ou fontes milagrosas”³⁰, talvez seja o Santuário da Senhora da Póvoa e o seu culto um desses casos, atestado, perante importantes vestígios arqueológicos que se encontram, tanto no local como nas geografias em torno do mesmo, como se verá no capítulo seguinte mas também pelo vasto leque de aspectos ligados com a água existentes no terreno, como a seguir se apresenta.

Na opinião de Moisés Espírito Santo “a característica mais evidente da religião popular portuguesa é a atração pelas alturas”³¹, embora não seja o caso, interessa realçar este facto pois em contradição encontra-se o santuário da Senhora da Póvoa no fundo do vale. Ocorrência bem perpetuada na memória local, ficando fossilizada no seu cancionero popular através das seguintes quadras, entoadas pelos romeiros aquando da visita ao santuário:

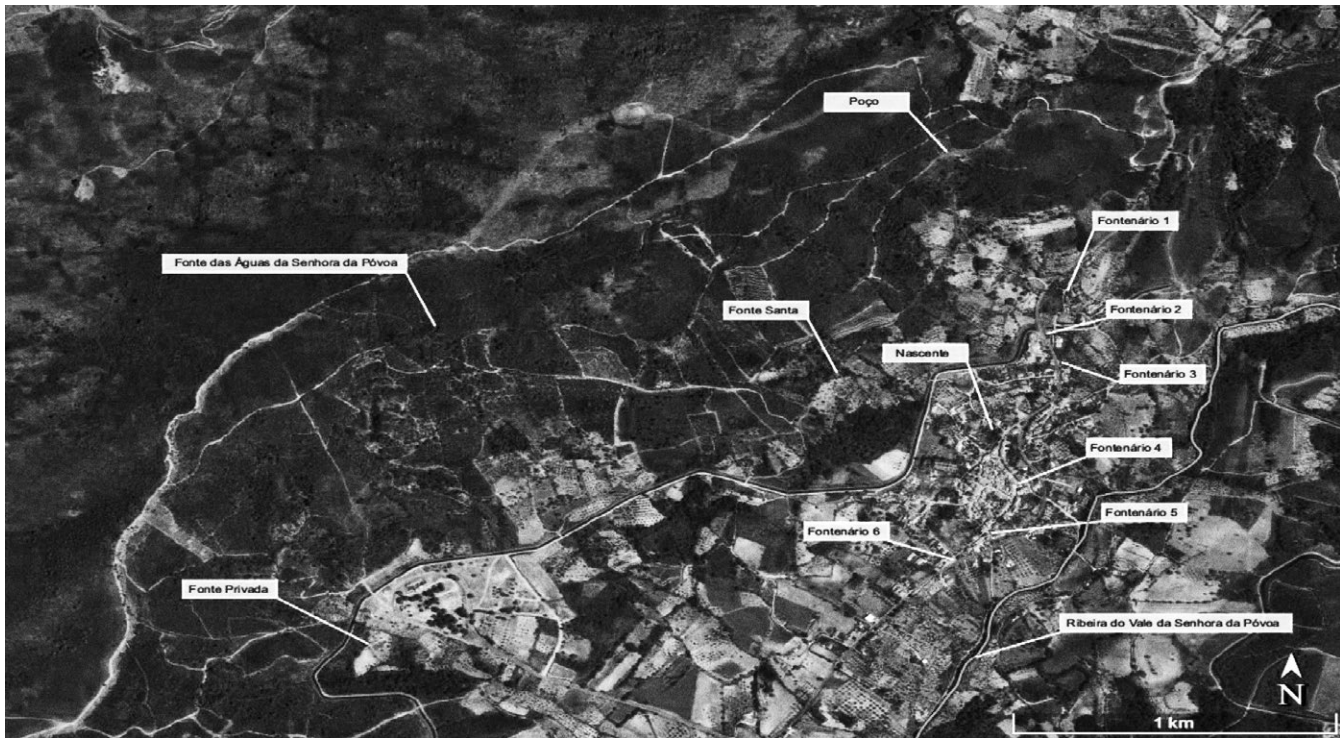
“Nossa Senhora da Póvoa		“Nossa Senhora da Póvoa
Onde tendes a morada		Onde ficais situada
Ao fundo da Serra d'Opa		Num desvão da Serra d'Opa
Numa casa caleada”		Numa casa caleada”

Numa outra passagem da obra *Origens Orientais da Religião Popular Portuguesa*, o mesmo autor admite que “lugares altos, rochas e águas são estrutura fundamental da religião popular”³², dentro destes aspectos são as águas que nos trazem a esta análise. Após o levantamento de campo realizado apresenta-se a seguinte dispersão de locais de recolha de água, como fontes, fontanários ou simples represas e minas, em torno do Santuário da Senhora da

[30] Ángel B. Espina Barrio, “Festividades Marianas en Castilla y América: una visión comparativa”, in *Antropología en Castilla y León e Iberoamérica. Aspectos Generales y Religiosidades Populares*, Instituto de investigaciones Antropológicas de Castilla y León, Salamanca, 1998, pág. 179 e 180.

[31] Moisés Espírito Santo, *Origens Orientais da Religião popular Portuguesa*, Assirio e Alvim, Lisboa, 1988, pág. 3.

[32] Moisés Espírito Santo, *Origens Orientais da Religião Popular Portuguesa*, pág. 12.



[Fig. 03] Pontos de água em torno do santuário da Senhora da Póvoa.

Póvoa, como apresentado na figura 03. Esta recolha de águas, pela comunidade, é feita desde o passado, sendo que Joaquim Candeias da Silva refere que “águas típicas por ali a natureza dava e que ainda recentemente eram recomendadas para problemas intestinais e hepáticos”³³.

Como podemos observar na figura 03, existe uma mina pertencente à Confraria da Sra. da Póvoa, à qual as gentes da aldeia nomearam de Fonte de águas da Senhora da Póvoa, sendo estas as águas que abastecem o Santuário e as quais são recolhidas pelos romeiros que acorrem em romagem ao local de culto³⁴.

Também por informação recolhida, durante o trabalho de campo realizado nas entrevistas junto dos aldeões, sabe-se que da aldeia são recolhidas águas para tratamento de algumas maleitas, nomeadamente da designada Fonte Santa de onde são apanhados alguns milhares de litros anualmente, um dos entrevistados chega a afirmar que “são recolhidos mais de mil garrações todos os anos” (António Padez, Vale da Senhora da Póvoa, Março de 2021) e de onde são provenientes alguns importantes vestígios arqueológicos,

que serão abordados mais adiante, foi também conseguida a informação de que a mina que pertence à família Lopes Dias³⁵, durante o século XX, recebeu por parte da empresa de exploração das Termas de Monfortinho³⁶ uma possível tentativa de prospeção para fins termais³⁷, ocorrência que nunca chegou a acontecer.

Os aspectos apresentados anteriormente atestam a importância das águas em torno do santuário e do culto à Senhora da Póvoa, no entanto regressaremos a esta temática no momento de tecer algumas conclusões em relação ao trabalho efectuado.

PAISAGEM ARQUEOLÓGICA EM TORNO DO SANTUÁRIO

Todo o território ocupado actualmente pelas circunscrições administrativas que dizem respeito ao concelho de Penamacor, encontra-se pautado por inúmeras incidências de sítios arqueológicos, devidamente identificados e caracterizados, bem como de achados fortuitos avulso que têm sido descobertos na ocorrência de trabalhos agrícolas, de trabalhos de construção civil ou simplesmente de escorrências que as chuvas trazem à superfície.

Desde a pré-história recente que se conhece ocupação humana no território do actual Concelho de Penamacor, ocupando cronologias que vão desde, pelo menos os 5500 anos a.C. até 4500 anos a.C.³⁸. Deste período caracterizado pelo aparecimento de pequenos elementos designados de micrólitos, que faziam parte da utensilagem do quotidiano destas comunidades, são originários o sítio do Moinho do Vento, registado na carta arqueológica com o número de inventário 38, pertencente à freguesia da Bemposta, bem como da freguesia de Meimão, já nas proximidades da Serrinha³⁹, que dista cerca de 3 km do Santuário da Senhora da Póvoa, donde são provenientes os arqueossítios inventariados sob o número 111 e 112 com os micro-topónimos Meimão 1 e Meimão 2, respectivamente⁴⁰.

Passando pelo período neolítico e pelas idades dos metais⁴¹, caracterizados pela utilização da pedra polida, no que diz respeito ao primeiro caso, e dos primeiros metais como o cobre, o ferro e mais tarde o bronze, mas também pela introdução da produção cerâmica

[33] Joaquim Candeia da Silva, “Romarias de Penamacor – um património beirão e transfronteiriço com história”, in *II Colóquio de Arqueologia e História do Concelho de Penamacor*, Coordenação Pedro Salvado e André Oliveirinha, Penamacor, Câmara Municipal de Penamacor, 2025.

[34] Informação recolhida junto dos locais, nomeadamente da moradia da romaria.

[35] A família Lopes Dias teve um papel relevante nas decisões políticas, socio-culturais e económicas da aldeia do Vale da Senhora da Póvoa encontrando-se directamente ligada à alteração do topónimo Vale de Lobo para Vale da Senhora da Póvoa em meados do século XX. Actualmente, da história da família conhece-se Dr. José Lopes Dias, figura importante do ponto de vista da educação no concelho de Penamacor pois foi professor primário e benemérito com muitas bem feitorias neste território, para mais informação consultar a obra da autoria dos Filhos de José Lopes Dias, *José Lopes Dias, Educador e Benemérito*, Editorial Império, Lisboa, 1950. O Dr. Jaime Lopes Dias importante etnógrafo, escritor, historiador e arqueólogo, com uma vasta obra em especial nos processos de recolha e salvaguarda do património etnomusical da região

da Beira Baixa, para mais informações consultar Jaime Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, Volume I a X, Câmara Municipal de Idanha a Nova, Lisboa, 1971. Ainda o Dr. José Lopes Dias e o Dr. Vitor Lopes Dias, o primeiro importante médico penamacorense, que dinamizou a economia da região, recebendo a Escola Superior de Enfermagem de Castelo Branco o seu nome, o segundo com uma vasta obra em jurisprudência em casos com problemas ligados à morte. Todos três, filhos do primeiro nome apresentado.

[36] Importante complexo termal situado no concelho de Idanha a Nova.

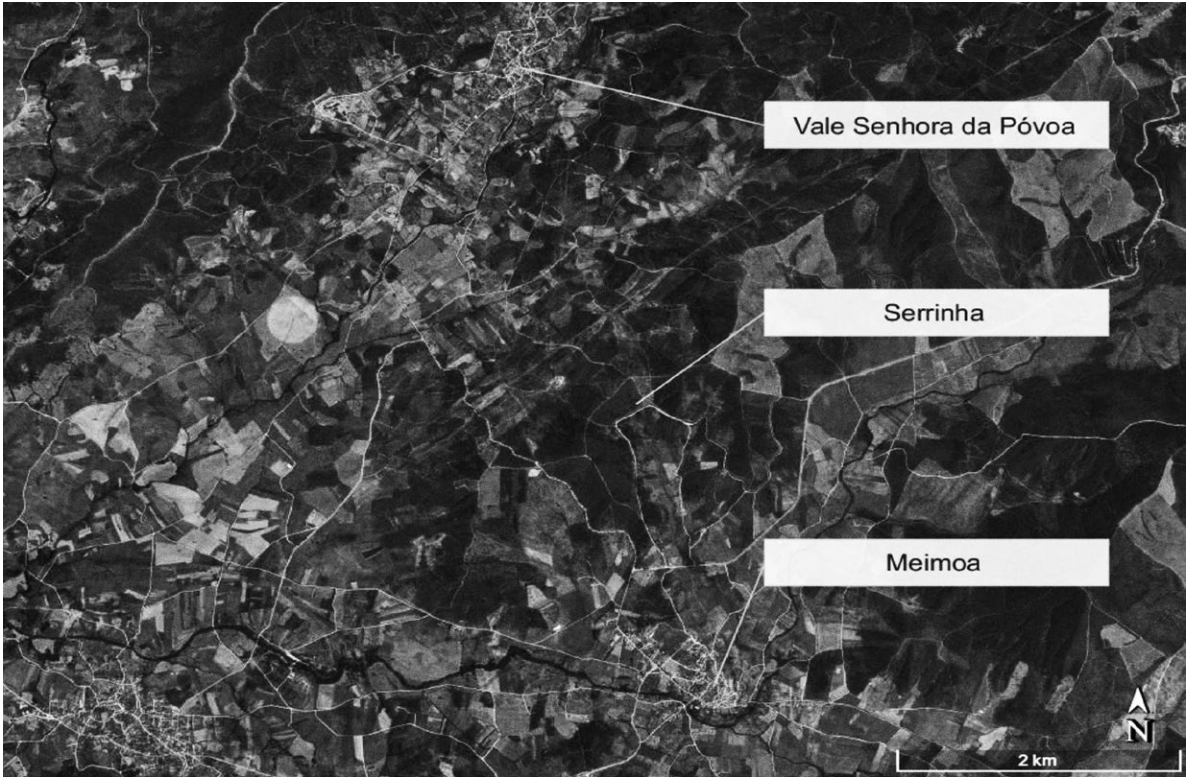
[37] Esta informação foi conseguida através de um informante ligado à família, embora seja apresentada nas entrevistas, necessitava de ser argumentada através de factos históricos que a comprovem.

[38] M. Farinha dos Santos, *Pré-história de Portugal*, Biblioteca das Civilizações Primitivas, Verbo, Lisboa, 1985, pág. 11-21.

[39] O topónimo conhecido como Serrinha diz respeito à serra que separa as actuais freguesias de Meimão e Meimão, do Vale da Senhora da Póvoa, constituindo o que se designa por fronteira natural.

[40] Sara Ferro, *Carta arqueológica de Penamacor*, Câmara Municipal de Penamacor, 2016.

[41] Abordando a Idade do Cobre, Idade do Bronze e Idade do Ferro, caracterizadas cronologicamente num período que vai desde do 5º milénio a.C. até ao 1º milénio a.C.. Para mais informações ver Raquel Vilaça, *Aspectos do povoamento da Beira Interior (centro e sul) nos finais da Idade do Bronze*, Volume I, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1994.



[Fig. 04] Carta arqueológica de Penamacor.

[42] Sara Ferro, *Carta arqueológica de Penamacor*.

[43] José Manuel Landeiro, *Penamacor na história, na tradição e na lenda*, Penamacor, 1982, pág. 176.

[44] Quando nos referimos a vestígios arquitetónicos falamos de colunas, base ou capitéis, silhares graníticos de fino aparelhamento, assim como cerâmica de construção ou *opus signinum*, espécie de cimento utilizado para consolidar as construções.

[45] Para mais informações ver José d'Encarnação, "28 anos de estudos sobre a religião na Lusitania Romana", in *Lvsitania Romana del pasado al presente de la investigación*, coordenação de María José Perez del Castillo, editora Trínidad Nogales Basarrate, Mérida, 2017.

no quotidiano destas comunidades, são provenientes os machados de pedra polida do sítio do Vale Moreira ou do povoado castrejo da Serra d'Opa, situados na freguesia do Vale da Senhora da Póvoa⁴², mas também o importante sítio arqueológico de Sortelha-a-Velha, já na freguesia de Benquerença, que tão bem caracterizam estes períodos históricos.

Sabe-se ainda que aquando da realização de obras de requalificação no recinto do Santuário da Senhora da Póvoa, na primeira metade do século XX, foram encontrados vestígios arqueológicos. A descrição que José Manuel Landeiro faz destes achados revela a importância do local do ponto de vista arqueológico, diz terem “aparecido restos de muralhas com dois metros de espessura”⁴³.

Com a chegada do império romano a estes territórios, dá-se a proliferação dos pequenos aglomerados urbanos pelo espaço, chegando aos nossos dias as manchas de dispersão dos materiais cerâmicos utilizados pelas comunidades rurais deste período, bem como os vestígios das suas obras arquitectónicas⁴⁴. Encontram-se ainda restos daquilo que eram os objectos ligados ao culto às divindades

romanas, como aras votivas, dedicadas tanto a divindades indígenas, pré-existentes no território, cultuadas antes da chegada dos romanos, como aos deuses do panteão romano⁴⁵, cultos esses que eram transportados pelos soldados provenientes da capital do império. Mas também pequenos bronzes que serviriam como apliques decorativos em peças de vestuário ou utensílios do quotidiano⁴⁶.

Estas comunidades impuseram-se no território, em parte, devido ao potencial agrícola que as terras férteis do vale da Meimoa lhes forneciam, mas também derivado ao potencial mineiro da zona em torno da exploração que era realizada no complexo mineiro da Presa⁴⁷, de onde seria extraído o metal tão precioso nas trocas comerciais e que enriquecia todo o império, centrado neste caso na Capital de *Civitas de Igaedis*⁴⁸: o ouro.

Sem conhecimento até à data deste trabalho, por falta de investigação do que era o território no período que medeia os séculos VII e XII, sabe-se que se inicia um processo de centralização de circuitos vivenciais antrópicos em torno da Vila de Penamacor, nos finais do século XII, após o rei D. Sancho I ter decidido dar foral a esta Vila. Com a finalidade de fomentar as dinâmicas de povoamento desta região bem como pôr fim às problemáticas existentes nos territórios do entre Douro e Tejo Raiano, que se objectivavam, nas palavras de Antonieta Garcia, em “...roubos, destruição de culturas, sobretudo de searas”⁴⁹, entre outros.

Edificaram-se nestas regiões de fronteira várias cidadelas como forma de dissuadir vizinhos invasores e consolidar as fronteiras e os territórios. Sendo neste momento que Penamacor e o seu território inicia o processo de crescimento que vem até aos nossos dias, são vestígios desse tempo o que resta do castelo fortaleza de Penamacor.

É no entanto no período que diz respeito à proto-história, particularmente à idade do bronze, e à época romana que iremos prestar mais atenção, pelos artefactos que podem contar histórias derivadas dos cultos e de certa forma carregadas de simbolismo para estas comunidades recuadas no tempo, que este território nos tem concedido.

Atentando nas relações antropológicas do universo simbólico ritual apresentamos para o caso três peças em depósito em museus da região.

Por todo o território nacional têm surgido objectos metálicos de diversas “manifestações temporalidades e valências”⁵⁰, que nas palavras de Raquel Vilaça se mostram de relevante importância para o estudo das dinâmicas simbólicas na pré e proto história,

[46] Veja-se o caso das fivelas de cinto ou das fíbulas ou alfinetes de roupa, cujas representações podiam passar por símbolos zoomórficos, o caso das fíbulas do tipo cavaleiro, ou fitomórficos. Mas também apliques como as armelas de sítula apresentando personagens masculinas – ver como exemplo figura 05.

[47] Javier Sanchez-Palencia, *Investigación y valoración de las zonas mineras y civitates del NE de Portugal*, Memoria, Madrid, 2012.

[48] Hoje pequena aldeia do concelho de Idanha-a-Nova, conhecida como Idanha-a-Velha, com uma população a rondar os 70 habitantes (segundo dados fornecidos pelos censos de 2011), foi uma importante capital de *civitas* deste território desde o século I a.C. e que cedo foi promovida a centro administrativo local, passando a designar-se por *civitas Igaeditanorum*. Esta elevação dá-se no século I d.C.. Tendo mantido a sua importância, mesmo durante a ocupação suévica, passando no século VI a tomar a denominação de sede episcopal. Para mais informações ver Pedro Miguel Salvado, *Elementos para a cronologia e para a bibliografia de Idanha-a-Velha*, Câmara Municipal de Idanha a Nova, 1988, pág. 11-13 e

José Cristóvão, *A Aldeia histórica de Idanha-a-Velha. Guia para uma visita*, Câmara Municipal de Idanha a Nova, 2008.

[49] Maria Antonieta Garcia e Henrique Manso, *Forais de Penamacor*, 2ª Edição, Câmara Municipal de Penamacor, 2020, pág. 11.

[50] Raquel Vilaça, “Depósito metálico na Ribeira da Gardunha, Castelejo, Fundão”, in *Revista Eburóbriga*, Câmara Municipal do Fundão, Fundão, 2013, pág. 65.



[Fig. 05] Armelas de Sítula do período romano provenientes do Vale da Senhora da Póvoa. Depósito do Museu Municipal de Penamacor.

[51] Raquel Vilaça, "Depósito metálico na Ribeira da Gardunha, Castelejo, Fundão", pág. 65.

[52] Raquel Vilaça, "Depósito metálico na Ribeira da Gardunha, Castelejo, Fundão", pág. 65.

pelo facto de na maioria das vezes serem encontrados fora de um contexto de ocupação, tendo sido interpretados, durante muito tempo, pelos investigadores como deposições singulares ou achados descontextualizados. Aos quais nem sempre se lhe davam a devida importância, caracterizando-os como resultantes de perdas ocasionais, ideia que se encontra neste momento em desuso. Fazendo-se neste momento a leitura de que se encontrem nestes locais abandonados de forma intencional e voluntária de forma a retirar os objectos de circulação.⁵¹

Para este caso importa ainda referir que torna-se importante a análise tripartida destes depósitos, assentando "no conteúdo, no lugar de deposição, bem como nos agentes sociais responsáveis pelo acto de deposição"⁵².

No seguimento do pensamento anteriormente descrito nas palavras de Raquel Vilaça, interessa perceber o que diz respeito à localização do achado. Este tipo de depósitos, ditos votivos ou simbólicos, encontram-se muitas vezes relacionados com a tipologia



[Fig. 06] Fragmentos de machados de bronze provenientes da Serra d'Opa.

[53] No que diz respeito à orografia será importante analisar se é um depósito num local de altura ou numa planície, entre rochas ou em espaço aberto, no que diz respeito à hidrografia, entra-se no campo dos depósitos em meio aquático, para mais informações consultar Raquel Vilaça, "Depósitos de Bronze do Território Português, Um debate em aberto", in *O Archeologo Português*, Série IV, 24, 2006, pág. 9-150.

[54] Raquel Vilaça, "Comércio a longa e curta distância na Idade do Bronze", in *História Global de Portugal*, Coordenação Carlos Fiolhais, José Pedro Paiva e José Eduardo Franco, Editora Temas e Debates, Lisboa, 2020, pág. 47.

do local de depósito, a orografia, a hidrografia do território, entre outras questões⁵³. A peça que se põe em estudo neste trabalho diz respeito a um fragmento de machado de bronze, característico da utensilagem utilizada durante o segundo milénio a.C. – Idade do Bronze⁵⁴ na península ibérica, como mostra a figura 06. Tendo sido identificada numa das encostas da Serra d'Opa, nas proximidades do Povoado, caracterizado cronologicamente pela sua ocupação da Idade do Bronze. É um local com uma paisagem predominantemente rochosa como se apresenta na figura 07, estando perante esta tipologia de depósito, observando-se a necessidade de ritualização do território neste período.

Como segundo caso, apresenta-se uma pequena escultura fragmentada pela falta da cabeça, braço direito e antebraço esquerdo, representando uma figura feminina togada esculpida em pedra mármore branco, cujo o torso se encontra a nu. Apresenta o abdómen saliente e o umbigo visível, a toga utilizada mostra-se mais visível da cintura para baixo vislumbrando-se as pernas, bem afastadas não



[Fig. 07] Vista do interior do Castro da Serra d'Opa.

— — — — —

[55] José Alves Monteiro, *Pequena história de um museu, fundo e catálogo. Carta arqueológica do Concelho do Fundão*, Lisboa, 1978, pág. 89. Este pequeno arqueossítio mostra-se de relevante interesse para o estudo pois encontra-se nas proximidades do Santuário da Senhora da Póvoa.

[56] A informação apresentada, nos dois últimos parágrafos, foi recolhida junto de um póster apresentado em Outubro de 2019 aquando do II Colóquio de Arqueologia e História do Concelho de Penamacor, dos autores Pedro Salvado, Filomena Barata e Joana Bizarro com o título "O concelho de Penamacor nas colecções de José Alves Monteiro".

sendo visível os pés, como se pode ver na figura 08. Proveniente de um sítio arqueológico nas proximidades do povoado de Sortelha a Velha⁵⁵, encontrando-se em depósito no Museu Arqueológico Municipal José Alves Monteiro do Fundão, tendo sido recolhida pelo patrono deste espaço.

Dizendo respeito a uma peça ligada ao culto às águas em época romana não comporta caso único em território português, sendo identificadas estas ninfas um pouco por todo o espaço português⁵⁶.

Dá-se como terceiro exemplo, dos horizontes cultuais, deste território em época romana o aparecimento de duas inscrições nas proximidades do santuário da Senhora da Póvoa. Uma identificada em 1993, após obras de requalificação do cemitério local, terá sido encontrada, por um funcionário da Câmara Municipal de Penamacor como reaproveitamento num dos muros de separação do espaço do equipamento. Após estudo e publicação por Fernando Patrício Curado deu entrada no Museu Municipal de Penamacor,



[Fig. 08] Fragmento de estatueta proveniente de Sortelha-a-Velha, na exposição do Museu Arqueológico José Alves Monteiro do Fundão.

— — — — —

[57] Fernando Patrício Curado, "Epigrafiografia latina do Concelho de Penamacor", *Reconquista*, nº 3045 (de 23 de Julho), Castelo Branco, pág. 39.

[58] Sara Ferro, *Carta Arqueológica do Concelho de Penamacor*.

[59] Pedro C. Carvalho, *Cova da Beira. Ocupação e exploração do território na época romana*, Câmara Municipal do Fundão e Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Fundão, 2007, pág. 285.

onde se encontra em exposição permanente até à data de hoje. Este monumento classificado como fragmento de ara votiva proveniente do século II d.C., embora muito desgastada pelo tempo nela consegue ler-se: PRO SALVTE ET/REDITV IMP(eratoris)/NERVAE TRA/[IANI CAES(aris)/AUG(usti)/GERM(anici)...], traduz-se "Pela saúde e fortuna do Imperador Nerva Trajano (César Augusto Germanico... foi esta ara consagrada por)"⁵⁷.

A segunda identificada no sítio arqueológico inventariado com o número 264, na Carta Arqueológica de Penamacor⁵⁸, cujo micro-topónimo é Fonte Santa, também nas proximidades do Santuário da Senhora da Póvoa. Desconhecendo-se o carácter do achado, encontra-se publicada por Pedro Carvalho, onde pode ler-se: I(ovi) O(p-timo) M(aximo)/GALLVS/AMOEN[A]E /A(nimum) L(ibens) P(ossuit), traduz-se "A Júpiter Optimo Máximo. Galo (filho) de Amoena, colocou de livre vontade"⁵⁹. Ambos os elementos indicam a presença de cultos no espaço em torno do santuário, nestes períodos recuados.

O quarto artefacto apresentado como exemplo para a representação dos aspectos culturais do território envolvente ao Santuário da Senhora da Póvoa, prende-se com um fragmento de um, possível aplique de vestuário, é proveniente de um sítio arqueológico que se caracteriza pela dispersão de materiais arqueológicos datados do período romano, o que leva a classificar cronologicamente este artefacto do mesmo período. Trata-se da figuração de uma pequena cabeça representando uma personagem feminina, com um toucado na parte superior, apresentando uma espécie de crescente lunar. Este pequeno fragmento encontra-se ainda em estudo pelo Museu Municipal de Penamacor, no entanto é possível admitir-se que seja uma representação de uma divindade feminina de culto romano, caracterizando-se como uma representação da deusa Ísis – Figura 09.

[Fig. 09] Fragmento de uma representação da Ísis, proveniente do Vale da Senhora da Póvoa.



VALE DE LOBO E A SENHORA DO SÉCULO XIII AO XVIII

Há muito que se conhece, pela bibliografia, o culto à Senhora da Póvoa como sendo um dos mais ricos do território nacional. Neste capítulo tenta abordar-se o culto à Senhora da Póvoa, bem como a existência da mesma enquanto pólo agregador de vivências antrópicas, de uma perspectiva bibliográfica.

Segundo Joaquim Candeias da Silva a referência mais antiga conhecida da Senhora da Póvoa e de Vale de Lobo⁶⁰ encontra-se “num documento medievo (códice da BNP n.º 152, fls. 60/61 – Divisão das igrejas e rendas da Guarda, de 1260), já aí consta o Vale de Lobo (*Valle Lupi*), decerto com uma igreja; e pelo “Catálogo das igrejas, comendas e mosteiros que havia em Portugal pelos anos de 1320-1321”, entre as igrejas da Covilhã, lá consta a igreja de Vale de Lobo, taxada com 30 libras. Donde se infere que a povoação já existiria na 1.ª metade do século XIII, com paróquia.”⁶¹

No seguimento das palavras do mesmo autor, aparece ao tempo de D. Dinis “pelos anos de 1293 a 1295, encontramos referências a umas herdades que o próprio rei adquiriu no sítio do Ribeiro da Póvoa, termo de Sortelha [Torre do Tombo (= TT), *Direitos Reais*, Liv.2], sítio esse que já poderia ter algo a ver com esta área.” aparecendo também nas inquirições dionisinas.

Os testamentos constituem-se como importantes ferramentas para a investigação histórica de determinados períodos. Apartir do século XVII e XVIII, existindo uma série de doações à Senhora da Póvoa de bens materiais que datam destas cronologias, citando Joaquim Candeias da Silva pode ler-se: “Alguns exemplos: em 23-3-1683, morre Isabel da Silva, mulher de José Fernandes Nabo, moradores em Vale de Lobo, a qual em testamento deixara à Senhora uma oliveira na Tapada; em 26-1-1686, toca a vez a Maria Miguel, mulher de Bartolomeu Afonso, e deixa “à Virgem da Póvoa uma oliveira, a melhor que se achar no nosso olival”, no Meimão. Há, contudo, uma passagem num testamento, o de Domingos Gonçalves, o Conqueiro de alcunha, falecido a 18-7-1686, que se nos revela do maior interesse para o presente estudo. Segundo o assento de óbito, entre outras disposições, ele deixou à Senhora “o quinhão da terra da Pova onde está a casa da mesma Senhora”, este último evidencia a presença de uma ermida à com invocação de Senhora.

Em 1758, o pároco Manuel Martins do Olival, nas Memórias Paroquiais, dá relato, na pergunta 13 que Vale de Lopo “tem duas ermidas e huma igreja...huma capella de N. S. da Póvoa...”, na questão 14 diz “Tem a Nossa Srª da Póvoa muita gente em Romaria em todo o discorrer do anno sendo a maior corrida sta da segunda...de Espirito Santo”, e ainda nos dá a informação de que “Está no fundo da Serra (d'Opa) a capela da Senhora da Póvoa, igreja

[60] Actualmente designado como Vale da Senhora da Póvoa.

[61] Joaquim Candeia da Silva, “Romarias de Penamacor – um património beirão e transfronteiriço com história”, in *II Colóquio de Arqueologia*

e *História do Concelho de Penamacor*, Coordenação Pedro Salvado e André Oliveirinha, Câmara Municipal de Penamacor, Penamacor, 2025.

de romagem e imagem muito milagrosa”⁶². Através dos relatos das Memórias Paroquiais, sabe-se que a capela já existiria em 1758 e que a romaria era farta nessa altura.

A três de setembro de 1792, por ordem de D. Maria II, dá-se através de carta régia, mênção e autorização, conforme solicitado pelos mordomos da confraria, com o apoio da Câmara Municipal de Penamacor, para a realização de feira franca anual junto à capela nos três dias da Festa do Espírito Santo, utilizando como pretexto “a infinidade de pessoas que então ali concorriam, a qual devia promover-se, facilitando-se por aquele modo os víveres necessários a tão grande concurso, de cujas esmolas saía o decente culto da Senhora”⁶³.

SENHORA DA PÓVOA ATRAVÉS DO FUNDO LENDÁRIO DEVOCIONAL

A religiosidade popular enquanto forma de culto a uma entidade divina possui as suas origens perdidas no tempo, sendo de qualquer modo impossível identificar-se o início da sua etnogénese. Torna-se necessário olhar à criação e fundação do ponto de vista devocional através do seu carácter lendário, quase podendo dizer-se que as imagens dos Santos devotos são detentoras de vontades próprias aparecendo onde e quando querem.

O caso da Senhora da Póvoa não é diferente, nas palavras de Quelhas Bigotte, que aqui transcrevemos na íntegra, tem-se percepção disso:

“A Lenda dourada da aparição ilustra o livro da história desta ermida tão afamada. No local um grande baldio, pastavam outrora mansas ovelhinhas, guardadas por crianças, sucedeu uma vez verem num silvado próximo uma imagem. — Que linda Santinha! — declararam logo as criancinhas radiantes de alegria. Levaram para casa o pequeno busto mas no sítio do cruzeiro desapareceu-lhes... No dia seguinte lá foram encontrar de novo no silvado a surpreendente imagem. Isto repetiu-se quantas vezes as crianças tentaram levar para a aldeia a imagem aparecida. Chegadas ao cruzeiro, sempre a imagem desaparecia misteriosamente... E mais uma vez a vinham encontrar no silvado. O facto espalhou-se, na freguesia cresceu a admiração, e todo o povo, com o pároco à frente, foi um dia buscar a misteriosa imagem em procissão, lá estava ela na silveira!... Religiosamente a conduziram para a Igreja da povoação e deixaram-na sobre a tribuna do altar-mor. Mas oh! Surpresa, no dia seguinte pela manhã a imagem desaparecera. Retomara o caminho do silvado. — Quer ali uma capela — bradou logo toda a gente. A ermida foi edificada, não se sabe à quantos séculos ou anos.”⁶⁴.

Na passagem anterior encontra-se o sentido de pertença geográfica exercida pela imagem aquando da sua aparição, este facto ainda hoje se encontra bem presente na comunidade



[Fig. 10] Imagem da Senhora da Póvoa à entrada da capela.

como relatam os diversos entrevistados, chegando um deles a admitir que numa das ocasiões que tentaram trazer a imagem para a Vila de Penamacor ao chegar ao alto da Serrinha esta desaparecera regressando outra vez ao local onde hoje se encontra o santuário (Joaquim Capelo, Vale da Senhora da Póvoa, Maio de 2021).

Além deste facto devemos atentar à preservação daquilo que são os elementos simbólicos dominantes dentro deste espaço, o caso da Silveirinha onde apareceu a imagem de Nossa Senhora, esta silva ainda hoje se encontra junto da sacristia da capela. Chegando uma das mordomas a admitir que “quer seja cortada ou queimada com pesticidas volta novamente a nascer no mesmo local” (Otilia

[62] Memórias Paroquiais de Vale de Lobo, Penamacor, consultadas online <https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=4241987> [consultado a 01/05/2021].

[63] Joaquim Candeia da Silva, “Romarias de Penamacor - um património beirão e transfronteiriço com história”, in *II Colóquio de Arqueologia e História do Concelho de Penamacor*, Coordenação Pedro Salvado e André Oliveirinha, Penamacor, 2025.

[64] José Quelhas Bigotte, *O culto de Nossa Senhora na Diocese da Guarda*, Papellaria Fernandes, Lisboa, 1948, pág. 288 a 308.

Capelo, Vale da Senhora da Póvoa, Maio de 2021). Mais ainda quando descrevemos a romaria no passado devemos atentar que durante alguns períodos da história este símbolo toma maior intensidade, como nos descreve Maria de Jesus quando nos diz que “as amigas chegavam a despir de folhas a Silveirinha” e “que não a deviam deixar secar” (Maria de Jesus, Vale da Senhora da Póvoa, Maio de 2021). Tal como Victor Turner que admite para os povos Ndembu⁶⁵ a existência de símbolos dominantes e símbolos instrumentais, constitui-se neste caso, a silva da Senhora da Póvoa, como um dos símbolos dominantes para esta romaria.

No caso concreto dos elementos naturais contam os entrevistados que no passado a imagem era transportada do Santuário para a aldeia e vice-versa quando não chovia há muito tempo ou quando chovia há vários dias e queriam que cessasse a chuva. Interessante perceber mais uma vez a ligação existente entre o culto à Senhora da Póvoa e os elementos naturais neste caso a água, tal como já apresentado anteriormente.

[65] Victor Turner, “Símbolos en el Ritual Ndembu”, in *La selva de los Símbolos. Aspectos del ritual Ndembu*, Siglo XXI, Madrid, pág. 33.

[66] Coord. Diogo Gaspar e Padre Francisco Valente, *Imagens de Fé. Ex-votos da diocese de Portalegre-Castelo Branco*, Câmara Municipal de Castelo Branco, Diocese de Portalegre, Castelo Branco, 2015, pág. 13.

[67] Coord. Diogo Gaspar e Padre Francisco Valente, *Imagens de Fé. Ex-votos da diocese de Portalegre-Castelo Branco*, pág. 9.

[68] Coord. Diogo Gaspar e Padre Francisco Valente, *Imagens de Fé. Ex-votos da diocese de Portalegre-Castelo Branco*, pág. 9.

[69] Para esta temática pode consultar-se também: Adelaide Neto Salvado, “As vias da cura - Os Ex-Votos do Museu Francisco Tavares Proença Junior”, in *Cadernos de Cultura, Medicina na Beira Interior, da Pré História ao Século XXI*, RVJ Editores, Castelo Branco, Novembro 2018, pág. 117 a 122.

EX-VOTOS ENQUANTO MATERIALIDADES DEVOCIONAIS

Desde tempos imemoriais que os romeiros acorrem à Senhora da Póvoa solicitando auxílio divino na esperança de curas para as suas maleitas ou livração de morte certa. Visto que o ser humano no momento de confronto com a morte eminente ou com a sua vida ameaçada, apela desde logo ao milagre, evocando uma qualquer protecção superior, seja ela a Deus ou a qualquer outro Santo da sua devoção. Esses milagres formam fonte de expressão que se perpetua no tempo, em formas materializadas de petição ou de agradecimento. Estas materialidades, designadas por ex- votos, “milagres”, ainda “tabuinhas pintadas” ou quadros votivos, têm as suas origens perdidas no tempo.

O termo Ex-Voto, é uma expressão latina e significa “segundo uma promessa” ou “por um voto”, podendo conter imagens que reproduzem o corpo, apenas partes do mesmo ou ainda conjuntos de pessoas, “sendo o testemunho material do pagamento de uma promessa, ou voto formulado”⁶⁶.

Nas palavras de Antonino Dias, “no renascimento, o ex-voto pintado estava relacionado com as classes mais abastadas”⁶⁷, vulgarizando-se, mais tarde, pela população, tornando-se objecto de devoção do povo, e constituindo-se como um importante manancial de arte popular, quase sempre anónima com mais ou menos qualidade, dependendo do artista que os pintava.

Eram obras realizadas por artesãos que os produziam nas proximidades dos santuários, na maior parte das vezes sem qualquer qualidade técnica. Pintados em madeira, em tela, ou em metal, seriam ofertados por altura das romarias ao Santo da sua devoção em jeito de agradecimento pelo milagre concedido.

Apesar de se estabelecerem como peças muito simples constituem um manancial de extrema importância do ponto de vista da “cultura popular, dos testemunhos históricos da religiosidade popular cristã, da vida quotidiana de quem os ofereceu e ainda importantes fontes de inspiração artística”⁶⁸ de quem os retratou. Representando ainda uma importante fonte de conhecimento antropológico, sociológico e etnográfico do período e do espaço em que foram criados.

Os Ex-Votos que se encontram preservados no santuário da Senhora da Póvoa prefazem uma colecção com um total de duas dezenas de exemplares, e possuem uma baliza cronológica que vai desde o ano 1843 até ao ano 1947.

Através dos elementos apresentados consegue retirar-se uma série de informações que caracterizam os grupos sociais da época em que se representam os diferentes Ex-Votos. Desde a forma de vestir típica daqueles períodos⁶⁹, como a utilização dos coletes ou a utilização de chapéus e barretes, como podemos verificar nas figuras 11 e 12, objectos que



[Fig. 11] Ex-voto com representação de indumentária masculina.

formam parte do uso quotidiano no caso dos homens e que ao longo do tempo vieram a cair em desuso.

As doenças que prevaleciam na época e cujas legendas destes quadrinhos nos falam de loucuras padecidas pelos retratados (figura 15), bem como acidentes típicos à época, como no caso da caça, em que um homem enquanto caçava caiu e a arma disparou um tiro à face (figura 14), são outras informações pertinentes que podem ser retiradas destes exemplares. Mas em todos os casos dão conta da grande devoção sentida pelas comunidades à Senhora da Póvoa, exibindo uma grande dispersão em termos geográficos do seu culto, circunscrevendo-se aos concelhos de Covilhã, Penamacor, Sabugal e Guarda, limítrofes do de origem.



[Fig. 12] Ex-voto com representação de chapéus e barretes.



[Fig. 14] Ex-voto do caçador da Aldeia do Bispo.



[Fig. 13] Ex-voto com legenda de loucura padecida.

O CANTO COMO FORMA DE ADORAÇÃO

A música será a forma mais antiga de representação das emoções sentidas pelas comunidades desde tempos imemoriais, sendo que o instrumento mais antigo conhecido pelo homem aparece em jazidas pré-históricas, caracterizando-se por pequenos instrumentos de sopro em osso, conhecidos como flautas de osso. Tendo-se perpetuado, ainda hoje são encontrados em alguns locais da Península Ibérica, como por exemplo na Galiza⁷⁰, onde são executados pelas comunidades locais.

Embora não se tenha certeza, como na cultura material, é certo que no seguimento do conhecimento popular em geral, comum será ouvir-se dizer que o instrumento mais antigo existente é a voz. No seguimento deste pensamento, da mistura da voz com os instrumentos musicais, chega-se à música tradicional, podendo esta subdividir-se em diversas subtipologias sendo por isso analisadas através de uma série de características. A música tradicional, na perspectiva de diversos autores deve possuir como principais características a falta de autoria, por isso o autor deve desconhecer-se, ser, também, comum a um dado grupo de pessoas, constituindo-se assim como marca de identidade cultural de um dado grupo social e possuir uma transmissão oral. Assim nas palavras de Lopes Marcelo “a sua origem radica no povo e é feita por não académicos, o criador fica anónimo, pois na transmissão oral entre gerações perderam-se as referências autorais individuais, e o povo acolhe e adopta o que mais lhe interessa e preserva o que lhe diz respeito pela adesão ao seu modo de produção e aos valores culturais, por isso guarda, repete e transmite”⁷¹.

Ainda na continuação da perspectiva deste autor sobre a música tradicional, esta pode subdividir-se em várias categorias como: cantigas de trabalho, cânticos ligados ao sagrado, cantigas de amor, cantigas de desamor, cantigas irónicas e de folguedos, cantigas de baile e rimances ou romances, sendo nos cânticos ligados ao sagrado que nos vamos debruçar. Estes são definidos por uma sobrelevação em relação ao cânticos litúrgicos, tais como o cantar ao Menino, as Janeiras, os Reis Magos, as sátiras do entrudo, os cânticos quaresmais e de Romaria. Sendo que são normalmente cânticos colectivos com ou sem acompanhamento instrumental⁷², no caso de estudo em concreto, os cânticos à Senhora da Póvoa, verifica-se os dois acontecimentos, a utilização do adufe como instrumento de acompanhamento na Romaria, sendo que Armando Leça⁷³ realiza uma recolha nos anos 1939/1940 em Vale de Lobo, actualmente Vale da Senhora da Póvoa, em que o cântico era acompanhado por pífaro

[70] Para mais informações consultar: Pablo Carpintero Arias, *Os instrumentos musicais na tradição Galega*, Editora Difusora de Letras, Galiza, 2010.

[71] Manuel Lopes Marcelo, *À Lareira da Memória*, ADRACES, Penamacor, 2018, pág. 34.

[72] Manuel Lopes Marcelo, *À Lareira da Memória*, pág. 34 e 35.

[73] Citando José Alberto Sardinha sobre Armando Leça, este foi “músico, compositor e folclorista. Autor do primeiro levantamento músico-popular em Portugal, realizado em 1939-40, sob os auspícios da Comissão para a Comemoração dos Centenários, que consistiu numa recolha musical com gravador em todas as províncias do continente. Esta recolha reveste-se do maior valor histórico,

etnográfico e musical. Nunca veio, porém, a ser editada.” Informação de <https://terramater.pt/armandleca/> [consultado a 15/05/2021].

ou flauta pastoril⁷⁴, harmónio⁷⁵ e adufe. Apresenta-se também o caso de uma personagem característica desta região chamado Tí Zé do Pífaru, tocando a Senhora da Póvoa neste instrumento⁷⁶, em depósito no repositório de Ernesto Veiga de Oliveira.

Numa tentativa de preservação da memória, foram diversos os autores que se debruçaram ao longo do tempo na recolha deste património imaterial, constituindo-se como importantes utensílios para o estudo da etnomusicologia da região, caracterizando-se estas músicas como importantes documentos onde permaneceram fossilizados importantes dados sobre a geomorfologia da região, mas também sobre as vivências socio-culturais das comunidades.

De seguida apresentam-se alguns desses levantamentos que foram realizados ao longo do século XX por investigadores como Jaime Lopes Dias, Flávio Pinho, José Quelhas Bigotte, Adelino Cordeiro ou João Rodrigues Lobato⁷⁷.

Na obra *Etnografia da Beira* do autor Jaime Lopes Dias, encontram-se apresentadas duas quadras recolhidas pelo autor em Vale de Lobo, freguesia de proveniência do nosso caso de estudo. Nelas encontram-se plasmados a intensidade com que os romeiros viam a romaria, mas também a localização do Santuário da Senhora da Póvoa.

“Nossa Senhora da Póvoa	“Nossa Senhora da Póvoa
Descei ao Vosso arraial	Onde ficais situada
Romaria como a vossa	Num desvão da Serra d’Opa
Não a há em Portugal”	Numa casa Caleda” ⁷⁸

De Penha Garcia no Concelho de Idanha-a-Nova, soubemos que vinham grupos de romeiros durante todo o século XX até à actualidade, apresentam-se em anexo alguns destes casos (Maria Nabais, Penha Garcia, Abril de 2021), com recolha do cântico à Senhora da Póvoa acompanhado ao adufe pelos romeiros daquele lugar⁷⁹.

O autor Flávio Pinho nos anos 90, realizando trabalho de campo nesta aldeia recolheu também este cântico, atribuindo-lhe como classificação “canto profano (Cantiga de Romaria), a solo acompanhado ao adufe”⁸⁰, tal como as nossas recolhas (Manuel Panão, Idalina Gameiro e Maria Nabais, Penha Garcia, Abril de 2021).

[74] O termo pífaru é utilizado pelo povo português em todo o território nacional para designar a flauta, seja a lateral ou travessa, dá-se o nome de flauta ao instrumento lateral e de pífaru ao de bisel, em muitos casos eram comprados nas feiras da região. Informação de <https://terramater.pt/pifaro/> [consultado em 15/05/2021].
[75] O harmónio é o instrumento musical popular da família dos aerofones de palheta metálica livre, de uma fila e duas ou quatro notas na mão esquerda. Constitui-se como o instrumento antecedente do acordeão cromático. Nas palavras de José Alberto Sardinha “A introdução do harmónio em Portugal, tanto quanto é possível até ao

momento apurar-se, ocorreu na segunda metade do séc. XIX e a primeira notícia da sua presença entre nós, até ao momento conhecida, data de 1868. No *Diário de Notícias*, uma reportagem da romaria do Senhor da Serra, Belas, de 1882, dá conta da presença de muitos “músicos ambulantes com seus harmoniuns, bombos, guitarras, violas e rebecas, que circulavam por toda a parte”. Em 1898, César das Neves transcreve uma chula denominada “A Mirandeza”, com partes para gaita-de-folle e também para harmónico.”, informação de <https://terramater.pt/harmónio/> [consultado em 15/05/2021].
[76] Ver anexo audio Ernesto Veiga de Oliveira EVO – 1963/1965 Tí Zé do Pífaru – Senhora da Póvoa.

[77] Para os últimos dois verificar anexos II – “Quadras à Senhora da Póvoa”.
[78] Jaime Lopes Dias, *Etnografia da Beira, O que a nossa gente canta*, volume II, Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, 1964, pág. 147, ver também entrevista 7, onde a entrevistada nos dá conta desta quadra.
[79] Audio Senhora da Póvoa.
[80] Flávio Pinho, *O cancioneiro Musical de Penha Garcia*, Palimage, Coimbra, 2011, pág. 276 e 277.

Nas quadras a seguir apresentadas, verifica-se a existência de um cancioneiro característico de cada comunidade a par com aquele outro comum a esta região, chegando a cruzar-se com os cânticos de outras romarias⁸¹.

“Senhora da Póvoa	“Senhora da Póvoa	“Senhora da Póvoa
Nossa Senhora da Póvoa	Nossa Senhora da Póvoa	Nossa Senhora da Póvoa
Madaí-mi di lá dizeri	Vindi-m'a esp'rar ó rio	Stais virada par'a pia
Do vem o Vosso dia	Sou mocinha solteira	S'a ver si vindes viri
Quando Vem o vosso dia	Eu sou mocinha solteira	Stais a ver si vindes viri
Qui vos quero ir a veri”	Não mi lev'algun vadio”	Rancho di Penha Garcia” ⁸²

Nos anos 40 do século XX iniciam-se em Portugal os grandes trabalhos de recolha musical por Armando Leça, que calcorreando todo o território nacional, realiza uma das melhores recolhas conhecidas até hoje, dessas recolhas apresentamos em anexo o que este gravou em Vale de Lobo como Senhora da Póvoa.⁸³

No entanto também a região aparece pautada por investigadores e etnógrafos que de certa forma se preocupam em documentar estes casos. Apresenta-se a seguir o caso de José Quelhas Bigotte que na sua obra *O culto de Nossa Senhora na Diocese da Guarda*, nos lega uma colectânea de quadras cantadas pelos romeiros à Senhora da Póvoa.

Como foi referido anteriormente, estes cânticos formam um importante manancial de informação. No caso das primeiras três quadras apresentadas, encontra-se a figuração do dia pré-romaria:

“Nossa Senhora da Póvoa	“Nossa Senhora da Póvoa	“Virgem Senhora da Póvoa
Perto vem o vosso dia	Bem me podeis Perdoar	Raminho de Manjerico
Já se podem preparar	Eu vou à vossa Romaria	Todos Vão e todos voltam
Quem há-de ir à Romaria”	Para Cantar e Bailar”	Só eu, Senhora, cá fico” ⁸⁴

De seguida apresenta-se a descrição do meio de transporte utilizado pelos romeiros que vinham em devoção à Senhora:

“Nossa Senhora da Póvoa	“Nossa Senhora da Póvoa
Hei-de lá ir, se lá for	Ao domingo lá hei-de ir
Ou a pé ou a cavalo	C’um açafatinho de flores
Ou nos braços do meu amor”	Que do céu hão-de cair” ⁸⁵

[81] Para mais informações consultar Maria Adelaide Neto Salvado, *Nossa Senhora da Azenha: a luz dos dias das gentes da raia*, Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, Idanha-a-Nova, 2001.
[82] Flávio Pinho, *O cancioneiro Musical de Penha Garcia*, pág. 276 e 277.

[83] Armando Leça 1939/1940 – Senhora da Póvoa - Vale Lobo.
[84] José Quelhas Bigotte, *O culto de Nossa Senhora na Diocese da Guarda*, Papelaria Fernandes, Lisboa, 1948, pág. 288 a 308.

[85] José Quelhas Bigotte, *O culto de Nossa Senhora na Diocese da Guarda*, pág. 288 a 308.

Nos casos seguintes descreve-se a chegada dos romeiros ao Santuário da Senhora da Póvoa:

Virgem Senhora da Póvoa	Virgem Senhora da Póvoa	Nossa Senhora da Póvoa
Já cá vamos à barreira	Já cá vamos ao cabeça	Já cá vamos à lameira
A apanhar a fita verde	Abri-nos as portas Senhora	Abri as portas Senhora
Que vos caiu da bandeira	Que vos qu'remos rezar o terço	Para entrar a bandeira
Nossa Senhora da Póvoa	Nossa Senhora da Póvoa	Nossa Senhora da Póvoa
Vinde abaixo dai-nos a mão	Já cá vamos à Meimoa	Abri as portas que chove
Somos romeirinhos vossos	Abri as portas Senhora	Olhai que eu trago mantilha
Cansamos o coração	Para vos rezar a coroa	É pequena e não me cobre

Também a dureza do caminho se encontrava plasmada no cancioneiro popular da Senhora da Póvoa, vendo-se isso nas quadras seguintes:

Virgem Senhora da Póvoa	Virgem Senhora da Póvoa
Vosso caminho tem cardos	Perdoai ao Vale de Lobo
Bem podeis vós Senhora	Por ter-vos na Serra d'Opa
Encurtar passos tão largos	Podendo ter-vos cá no povo

Interessante será reparar, tal como acontece na recolha de Penha Garcia no cancioneiro característico de cada comunidade, que de certa forma se fossilizou a proveniência dos romeiros a Sul de Penamacor:

Nossa Senhora da Póvoa	Nossa Senhora da Póvoa	Virgem Senhora da Póvoa
Quem vos varreu o terreiro	Quem vos varreu a capela	Quem vos varreu o balcão
O ranchinho da Meimoa	O ranchinho de Meimoa	O ranchinho da Meimoa
Com raminhos de Loureiro	Com raminhos de marcela	Com um ramo de serpão
Nossa Senhora da Póvoa	Nossa Senhora da Póvoa	Para a Senhora da Póvoa
Vinde cá abaixo ao lentisco	Já cá vamos chegando	A ribeira da Meimoa
Vinde ver a mocidade	À ribeira da Meimoa	Passam gentes de tão longe
Que vem d'Aldeia do Bispo	Vamos passar cantando	Que até vêm de Lisboa
Nossa Senhora da Póvoa	Virgem Senhora da Póvoa	Nossa Senhora da Póvoa
Quem la vem é gente boa	Olhai quem vai chegando	Sempre estais a ver correr
Mas, bem melhor que toda	O ranchinho da Meimoa	A ribeira da Meimoa
A gatinha da Meimoa	Por quem estais esp'rando	E mais a do Anascer ⁸⁶

[86] José Quelhas Bigotte, *O culto de Nossa Senhora na Diocese da Guarda*, pág. 288 a 308.

A descrição quer do Santuário, dos milagres feitos pela Senhora, bem como do espaço envolvente pode ver-se nas seguintes quadras:

Virgem Senhora da Póvoa	Virgem Senhora da Póvoa	Nossa Senhora da Póvoa
À vossa porta me empino	P'ra que quereis os dinheiros	Que dais a quem vos vem ver
Vejo-me no vosso rosto	Mandai alargar a capela	Dou longa vida e boa sorte
Como num espelho fino	Que não cabem lá os romeiros	E ajudo a bem morrer
Nossa Senhora da Póvoa	Virgem Senhora da Póvoa	Virgem Senhora da Póvoa
Que dais a quem vos visita	Vinde à vossa varanda	Que lá estais na tabuinha
Dou tudo quanto é bom	Oh que lindo arraial	Oh que cadeira tão baixa ⁸⁷
E que para o céu não prejudica	No vosso terreiro anda	Para tão alta rainha
Nossa Senhora da Póvoa	Nossa Senhora da Póvoa	Nossa Senhora da Póvoa
Vermelha cor de de cereja	Dai-me do vosso almoço	Dai-me do vosso jantar
Pela vossa porta passa	Dai-me daquela enguia	Dai-me daquela enguia
Quem vossa cor deseja	Que anda ao redor do vosso poço	Que anda ao redor do mar
Nossa Senhora da Póvoa	Nossa senhora da Póvoa	Nossa Senhora da Póvoa
Onde vai que vai de véu	Onde vai que vai de lenço	Que tendes na mão que luz
Vou fazer uma visita	Vou fazer uma visita	A alma de uma donzela
Ao senhor que está no céu	À Senhora do Incenso	Que foi achada por Jesus
Nossa Senhora da Póvoa	Nossa Senhora da Póvoa	Virgem Senhora da Póvoa
Tem uma fita na testa	Tem uma fita amarela	O vosso sino não soa
Que lha deram os soldados	Que lha deram os soldados	Vós tendes muito dinheiro
No dia da sua festa	Quando vieram da guerra	Mandai vir um de Lisboa

A geografia e a geomorfologia do espaço eram atributos tipicamente apresentados neste tipo de cancioneiros bem como a existência do ermitão:

Virgem Senhora da Póvoa	Virgem Senhora da Póvoa	Nossa Senhora da Póvoa
Onde vos foram a por	Vinde abaixo ao cruzeiro	Chegai à porta travessa
Num desvão da Serra d'opa	Vinde ver a mocidade	Que estão os anjos cantando
Onde não há rica flor	Que anda no vosso terreiro	E a Virgem é quem começa
Nossa Senhora da Póvoa	Virgem Senhora da Póvoa	Nossa Senhora da Póvoa
Tem uma bolsa à janela	Acudi ao vosso ermitão	Minha rosa encarnada
Para pagar ao pintor	Que caiu do Campanário	Para lá do alentejo
Que lhe pintou a capela	Vão dar-lhe a extrema unção	Chega vossa nomeada ⁸⁸

[87] José Quelhas Bigotte, *O culto de Nossa Senhora na Diocese da Guarda*, pág. 288 a 308.

[88] José Quelhas Bigotte, *O culto de Nossa Senhora na Diocese da Guarda*, pág. 288 a 308.

Já quase a terminar a romaria documenta-nos o autor José Bigotte que no momento auge da mesma em que se dá a saída da procissão, cantam os romeiros:

Nossa Senhora da Póvoa	Nossa Senhora da Póvoa	Nossa Senhora da Póvoa
Quem vos deu o manto verde	Vinde ao vosso corredor	Quem vos deu o manto branco
Foi uma moça raiana	A apanhar um ramo d’oiro	Foi uma moça raiana
Duma doença que teve	Que vos caiu do andor	Que o foi ganhar ao campo
Nossa Senhora da Póvoa	Nossa Senhora da Póvoa	Nossa Senhora da Póvoa
Tendes um navio de vidro	Tem um galo no andor	Virgem Senhora tão linda
Que vos deu um marinheiro	Cada vez que o galo canta	Os vossos santos milagres
Que no mar se viu perdido	Recorda Nosso Senhor	Já chegaram a Coimbra
Virgem Senhora da Póvoa	Virgem Senhora da Póvoa	Nossa Senhora da Póvoa
És uma mãe tão boa	Deitai os olhos à terra	Deitai os olhos ao chão
Os vossos santos milagres	Acudi aos portugueses	Acudi aos portugueses
Já chegram a Lisboa	Que foram combater na guerra	Que andam fora da Nação
Virgem Senhora da Póvoa	Virgem Senhora da Póvoa	Nossa Senhora da Póvoa
Vizinha de Vale de Lobo	Nossa tão linda Raiana	A quem queirais dar o Ramo
Bem podieis Vós Senhora	Vós sois de perto da Raia	Ao rancho de Penamacor
Vir já para o nosso povo	Vós sois meia castelhana	Para cá tornar para o ano ⁸⁹

Além da documentação nos deixar registadas estas e outras quadras apresentadas no anexo III, muitas delas encontram-se bem presentes na memória das comunidades, tendo sido registadas muitas delas durante as entrevistas ao longo do trabalho de campo realizado (Cristina Gonçalves, Nanci Gonçalves, Ilídia Cruchinho, Alcina Cruchinho e Maria Matias, Penamacor, Maio de 2021).

[89] José Quelhas Bigotte, *O culto de Nossa Senhora na Diocese da Guarda*, pág. 288 a 308.

A ROMARIA ETNOGRAFICAMENTE FALANDO

O ANTES

Um dos principais objectivos desde trabalho prende-se com a importância cada vez maior da necessidade de recolha e salvaguarda pelo registo das identidades culturais das comunidades de outrora. Pelo simples facto de se constituírem como importantes fontes de informação do ponto de vista antropológico e que de certa forma devem ser valorizadas enquanto forma de perpetuar estes rituais ancestrais que se encontram em pleno estado de desuso, quer devido à desertificação como à degradação dos valores católicos no seio das famílias actuais, tal como nos diz o Padre Bruno Lopes (Bruno Lopes, Penamacor, Maio de 2021) durante a sua entrevista.

Para isso segue-se uma descrição do que era a romaria da Senhora da Póvoa durante a primeira metade do século XX. Como um dos principais entraves encontrados durante a realização deste trabalho foi o esquecimento por parte das comunidades ir-se-á utilizar como base de apoio alguma documentação escrita que de certa forma corroborará alguma informação colhida junto da comunidade de estudo.

A romaria da Senhora da Póvoa era conhecida pela sua vertente de convívio entre os participantes, que ali se deslocavam com a finalidade de prestar culto à Virgem, invocada pela Senhora da Póvoa, mas em todos os casos de entrevista nos dão conta da alegria vivida, desde o momento de saída de casa até ao regresso à mesma. Atente-se nas palavras de João Rodrigues Lobato, que nos dá conta disso na década de trinta do século XX: “Toda aquela gente se sentia feliz por ter louvado a Mãe de Deus, numa mistura de fé e folgado pagão.”⁹⁰.

Este processo iniciava-se dias antes antes da data da romaria, tal como nos afirma Francisco Abreu, cujos pais eram donos de uma taberna na Vila de Penamacor, “a euforia, na Vila, iniciava-se nas semanas que antecediavam este dia” (Francisco Abreu, Penamacor, Maio de 2021), em muitos casos pelos preparativos que se impunham na preparação dos meios de transporte utilizados para a deslocação.

Uma das práticas que mais aparece na bibliografia mas também na memória local são os cortejos dos carros enfeitados. Atente-se uma vez mais nas palavras de João Rodrigues Lobato, aquando da descrição de um aparatoso dia de romaria na década de trinta do século XX: “Vamos à Senhora da Póvoa! Era decisão do chefe de família que a todos alegrava e enchia de alegria a garotada. Os mais pequenos ficavam logo a sonhar com um pífaro de lata, um realejo, uma rela de pau, um “ala palhaça”, pequeno acrobata no trapézio dependurado

[90] João Rodrigues Lobato, *Actas do 1º Colóquio de Arqueologia e História do Concelho de Penamacor*, ARCINPE- Associação Regional Arqueológica e Defesa do património de Castelo Branco, Idanha-a-Nova e Penamacor, Penamacor, 1982, pág. 177 e 178.



[Fig. 15] Recinto da Romaria em dia de feira. Primeira metade do Século XX.

[91] João Rodrigues Lobato, *Actas do 1º Colóquio de Arqueologia e História do Concelho de Penamacor*, pág. 177 e 178.

por dois fios numa garrafinha de liquido dourado, que uma velha vendia por dois tostões cada uma. O pai punha no orçamento a esmola para dar à Nossa Senhora. A merenda era assunto da Mãe e as cachopas preocupavam-se mais com os vestidos e cordões. De qualquer forma na Segunda-feira a seguir ao Domingo do Espírito Santo, a Presa e a Arrancada, tomavam um ar de festa. Era a passagem dos romeiros pela estrada e pelos caminhos. Todas as veredas e atalhos viessem eles de onde quer que fosse tomavam um movimento desusado, de pessoas a pé, outros montados em burros ou a cavalo, com alforjes bem atestados com merenda para dois dias. Havia quem levasse toda a família em carros de lavoura, solenemente enfeitados com a colcha mais linda que houvesse em casa com belas flores campestres e açucenas perfumadas, colhidas na lameira a às vezes com ramos de cerejas. Tomava-se a direcção da estrada de macadame para engrossar a grande carreira de romeiros que surgiam pela estrada da estalagem, e que vinham da vila ou dos campos de Idanha. ...Ao chegar ao alto da Serrinha, ali rezava-se a Nossa Senhora, ao avistar a ermida e cantava-se ao som do pífaro ou da concertina”⁹¹. Nesta passagem deparamo-nos com a azáfama que acontecia na estrada que ligava Penamacor à Meimoa.

Deste território é natural Maria José Matias, que desde de pequena trabalhou nas propriedades da Casa Osório, na Barroca da Cerca, da qual João Lobato nos fala, e que com 89 anos nos descreve o mesmo acontecimento chegando a dizer “que se na Estalagem houvesse dois carros enfeitados, na Barroca devia haver três ainda mais bonitos...tivemos um ano que levamos 5 todos do Coito” (Maria José Matias, Penamacor, Maio de 2021), e ainda diz que “para enfeitar estes carros eram utilizados varas de pinho verde” (Maria José Matias, Penamacor, Maio de 2021) trabalhados pelos homens, enquanto que as mulheres tratavam de os enfeitar com “as melhores colchas e lençóis brancos que tinham em casa” (Maria José Matias, Penamacor, Maio de 2021).

Durante o caminho é certo que nas aldeias havia gentes que esperavam estes cortejos, diz-nos Maria José Matias que “ao chegar à Meimoa as [mulheres] da Meimoa vinham esperar à ponte” (Maria José Matias, Penamacor, Maio de 2021). Era, também, paragem certa no sítio da Carvalheira, bem documentado por João Lobato. Nota-se ainda pelas descrições feitas pelos entrevistados que existia uma certa disputa entre os vários ranchos de pessoas, pelo carro melhor enfeitado, as rivalidades bairristas embora saudáveis encontravam-se bem presentes nestas práticas. Plasmando-se a realidade da vinda de romeiros de outros concelhos como é o caso do de Idanha-a-Nova, como nos documenta João Lobato mas também a romeira que a certa altura nos diz que vinham carros da Zebreira e Alcafozes (Maria José Matias, Penamacor, Maio de 2021) .

Ao chegar ao recinto “a guarda deixava entrar os carros” (Maria José Matias, Penamacor, Maio de 2021), que ficavam dispostos todos juntos no interior do recinto guardados pelos ganhões que tomavam conta das juntas, relata-nos Maria José Matias. As mulheres iam prestar culto à Virgem e os homens encostavam-se às tabernas que por ali se dispunham no exterior do recinto, o que ainda hoje acontece. Francisco Abreu, que desde muito novo acompanhava os pais nesta e noutras romarias, com a finalidade de vender o que de melhor tinha a sua venda, dá-nos conta dos jogos que os homens praticavam, faziam apostas para ver aquele que mais rápido subia a um ramo de uma árvore que se encontrava nas proximidades, acabando muitas vezes por cair no chão (Francisco Abreu, Penamacor, Maio de 2021).

Típicas, naquele período, eram as merendas que cada romeiro levava para degustar no local, tal como nos relatam os entrevistados, em alguns casos nos carros de romaria levavam uma arca que punham mais à frente onde levavam os produtos. Era comum estarem sempre presentes os ovos verdes, as celtas fritas, os “peixinhos da horta” nome pelo qual era conhecido o feijão verde frito. Mas também iguarias como o coelho assado no forno, o cabrito ou o arroz de pato, e para sobremesa o arroz doce ou os bolos caseiros feitos de véspera, para o que era o ritual comunitário de comensalidade que se criava nos momentos específicos de almoço e jantar, tal como nos relata Francisco Abreu, “que se corria as merendas de um e de outro para degustar vários petiscos” (Francisco Abreu, Penamacor, Maio de 2021).

Por outro lado existiam as tabernas que também vendiam os comes e bebes, os vinhos, as cervejas, as aguardentes caseiras, diz-nos Francisco Abreu que “chegava a passar o dia

de Sábado a descascar cebolas para cozer com os ovos com a finalidade de lhes dar uma coloração mais escura para que parecessem mais caseiros e menos de aviário” (Francisco Abreu, Penamacor, Maio de 2021). Nas tabernas vendia-se ainda as sardinhas fritas em molho de escabeche, os ovos cozidos e os tão típicos frangos assados.

Do ponto de vista religioso as pessoas iam à Senhora da Póvoa com a finalidade de assistir à missa, prestar voto à Virgem, cumprir alguma promessa e no final, após a procissão do Adeus, ritual que caracterizava a despedida da imagem aquando do seu encerramento dentro da capela, e que marcava de certa forma o fim de mais um ano de romaria, os romeiros retiravam uma folha da silva que representa o silvado onde apareceu a Virgem, e que ainda hoje se localiza junto da sacristia da capela, encontrando-se directamente ligada com os elementos fundacionais da Virgem, como nos relata Maria de Jesus Robalo, que sendo romeira da Senhora da Póvoa e vivendo em Lisboa todos os anos se desloca a este local em devoção à sua Senhora e tem amigas que ainda hoje têm dentro dos seus livros folhas secas da silveirinha da Senhora da Póvoa, “havia anos que a despiam das suas folhas” (Maria de Jesus Robalo, Vale da Senhora da Póvoa, Maio de 2021), relata-nos Maria de Jesus.

Terminado o processo religioso dá-se o término das celebrações. Atente-se uma vez mais nas palavras de João Lobato:

“Na terça-feira, logo após a missa e a procissão, os romeiros começavam a debandar e a iniciar o seu regresso, para chegarem à carvalheira ao meio da tarde...

Nesse lugar que ficava para cá da Meimoa, entre a fonte dos cantos e a Barroca da Serra, era ponto obrigatório de paragem. Ali descansavam pessoas e animais, por toda a parte, os romeiros cantavam, tocavam e dançavam, comiam as merendas e esgotavam os últimos reforços do garrafão. Já quase ao por do Sol, voltava-se a casa com um retrato da Senhora da Póvoa pregado no chapéu, uma flor de papel com fios dourados nos virados do casaco, cartuchos de amêndoas, ou rosários de pinhões enfiados no banco.”

Atentemos na entrevista de Carlota Cruz, que como romeira de há muitos anos da Senhora da Póvoa nos relata que noutros tempos a Vila de Penamacor enchia-se de alegria à chegada dos carros enfeitados bem como dos autocarros que vinham da Senhora da Póvoa, e que na Vila tinham paragem obrigatória para degustarem pela última vez os restos das merendas desse dia. No acesso norte à Vila a estrada cobria-se de gente que esperava incessantemente a vinda dos romeiros (Carlota Cruz, Penamacor, Maio de 2021).

Tal como nos relata Maria José Matias já quase no fim da sua entrevista o povo vivia feliz, cantava-se e bailava-se e era por isso que se ia à Senhora da Póvoa (Maria José Matias, Penamacor, Maio de 2021).

O AGORA EM TEMPOS DE PANDEMIA

A romaria da Senhora da Póvoa conhecida como uma das “maiores e mais concorridas romarias da Beira-Baixa”⁹². Para os romeiros, realiza-se no Domingo e Segunda-feira de Pentecostes, cerca de 50 dias após o Domingo de Páscoa. No calendário cristão este dia caracteriza-se pela descida do Espírito Santo sobre os Apóstolos de Jesus Cristo.

No entanto para os mordomos da Senhora da Póvoa, os trabalhos iniciam-se algum tempo antes. Este ano, de 2021⁹³, os trabalhos começaram no dia 15 de Maio, Sábado pelas 8 horas da manhã, os homens da mordomia reuniram-se no santuário para proceder às acções de limpeza do recinto, que já antes tinha sido percorrido pelos funcionários da junta. Com o auxílio de maquinaria realizaram os processos de corte da erva, quer nos acessos ao santuário bem como dentro do espaço do santuário. Durante um dia a fio os quatro homens trabalharam arduamente, cortando a erva que cresce ao longo das calçadas, um ou outro ramo de árvore que possa constituir-se como um estorvo aos romeiros no dia da romaria, bem como proceder à limpeza de folhas e qualquer lixo que possa haver espalhado pelo recinto, de forma a melhor receber os romeiros no dia da Senhora da Póvoa (Figura 16).

Para as esposas iniciam-se os trabalhos na segunda-feira dia 17. Neste dia realizam os processos de limpeza dos espaços interiores dos edifícios afectos ao santuário como igreja, casas da romaria e casas de banho, limpando e desinfectando cada espaço por si com a intenção de melhor recepcionar os romeiros.



[Fig. 16] Trabalhos de limpeza do recinto.

[92] Ver Júlio Gil e Nuno Calvet, *Nossa Senhora de Portugal, Santuários Marianos*, Intermazzo – Audiovisuais, Lisboa, 2003, pág. 226 e 227, Joaquim Manuel Correia, *Terras de Riba Côa, Memórias sobre o concelho do Sabugal*, Câmara Municipal do Sabugal, 1946, pág. 70 e 71, ou António Cabanas, *Vale da Senhora da Póvoa e a Sua Romaria*, Câmara Municipal de Penamacor, 2016, pág. 30 a 36.

[93] Segundo ano da Pandemia da Covid-19, em que foi realizado grande parte do trabalho de campo afecto ao trabalho aqui apresentado.



[Fig. 17] Andor de Nossa Senhora da Póvoa no ano de 2021.

No dia 22 de Maio pela manhã reúnem-se novamente as mordomas da Senhora com a finalidade de arranjamem o andor onde a imagem irá estar exposta nos próximos dois dias e os altares da igreja. As flores utilizadas são recolhidas junto das pessoas na aldeia, umas fornecem-nas por promessas feitas, outras por simples vontade de ajudar de alguma forma a romaria, esta selecção não é realizada sobre qualquer preceito, diz Otilia Capelo, uma das mordomas mais antigas da Senhora da Póvoa, “que em tempos eram utilizados cravos vermelhos” (Otilia Capelo, Vale da Senhora da Póvoa, Maio de 2021). Maria de Jesus, uma das romeiras entrevistadas, dá-nos também informação, que noutros tempos eram utilizadas flores de plástico mas que isso deixou de acontecer por impulso dela quando, no passado, pertenceu à mordomia da romaria (Maria de Jesus Robalo, Vale da Senhora da Póvoa, Maio de 2021).

De regresso ao recinto e com o auxílio de uma florista vão enfeitando os altares e o andor da forma como melhor ficar, diz a florista “que tem de ficar mais bonito que o ano anterior” (Figura 17), denotando uma realidade bem presente em muitos aspectos de cultura popular, de rivalidade entre os vários grupos organizadores, ou então por simples sensação de perfeição a cada ano que passa.

No dia 23 de Maio pelas 8 horas da manhã os mordomos já se encontram no recinto, vestindo as suas melhores roupas, apresentam-se para um dia intenso de trabalho. O espaço encontra-se ainda despido de romeiros.

Os mordomos, homens, acercam-se do espaço de venda das oferendas à Senhora, preparando o local, com produtos como garrações e garrafas de azeite da Senhora da Póvoa, produzido pelos olivais pertencentes à confraria, bem como peças dedicadas à Nossa Senhora da Póvoa as típicas estampas, os azulejos pintados com a imagem da Senhora ou as simples e pequenas estatuetas, mas ainda as velas para as promessas dos romeiros e os terços que os romeiros irão levar como recordação da romaria, após serem abençoados durante a missa (Figura 18).

Já as mordomas dirigem-se para o altar exterior com a finalidade de o prepararem para a realização da missa, estendem-se as toalhas sobre o altar, colocam-se arranjos florais, a última coisa a fazer é colocar a imagem da Senhora venerada no local devido e abrir as portas da igreja, espaço que este ano ficou interdito aos romeiros, devido à pandemia.



[Fig. 18] Espaço de vendas das oferendas à Senhora da Póvoa.

Observamos que por volta das 9 horas começam a chegar os primeiros romeiros aos recinto. Alguns grupos de romeiros, que se encaminhavam a pé para este local, já os os tínhamos avistado enquanto realizávamos a viagem para o Vale da Senhora da Póvoa (Figura 19).

Em primeiro lugar, os romeiros, dirigem-se à Capela para prestarem uma primeira homenagem, em jeito de devoção, o facto de não poderem entrar dentro do edifício é motivo de revolta para algumas pessoas. Interessante reparar que nos casais, acercando-se da Capela, as mulheres aproximam-se da porta rezando, enquanto os homens mantêm-se mais atrás conversando com algum amigo que possa aparecer, noutros anos, este gesto seria realizado junto de alguma taberna que pudesse encontrar- se no recinto.

De seguida, encaminham-se para o altar exterior com a finalidade de prestarem o seu culto, por fim deslocam-se ao local de venda para comprar o que quer que seja e ajudarem também a confraria com algum dinheiro, encostando-se a qualquer canto esperando pelo início da missa.



[Fig. 19] Grupo de romeiros no dia da romaria.

Avistam-se gentes conhecidas, romeiros da Benquerença, da Meimoa, de Penamacor, do Casteleiro, dos Três Povos, do Monte do Bispo e de Penha Garcia, todas freguesias do concelho de Penamacor ou limítrofes do mesmo. As descrições que fazem os mais idosos e o Padre Chorão no periódico Voz da Paróquia⁹⁴, das gentes que vinham de todos os lados e até do Alentejo, veja-se a descrição de Junho de 1968 na rubrica “A nossa Festa”: “Vimos autocarros de Lisboa, Cernache do Bom Jardim, Gouveia, Viseu. Só a empresa “Martins” de Évora juntou mais de 20, de Póvoa de Rio de Moinhos, para além de Castelo Branco vinham 300 pessoas”. Não aconteceu este ano, talvez devido ao estado pandémico em que nos encontramos.

No entanto constata-se a presença de gente exógena, romeiros de outros cantos. No recinto ouvem-se falar outros idiomas, francês, alemão, inglês, espanhol e português com sotaque brasileiro, alguns de filhos da terra que emigrados noutras paragens, regressam a casa neste dia, para reencontrarem a família e prestarem o voto da sua devoção. Outros são apenas visitantes, que ao se encontrarem neste território em turismo, pernoitando na aldeia do Vale da Senhora da Póvoa, mais precisamente na Casa das Margaridas, decidem passar pelo Santuário, tal como nos relata Catarina Barreiros que enquanto elemento da Assembleia de Freguesia e romeira se regozija com tal acontecimento (Catarina Barreiros, Vale da Senhora da Póvoa, Maio de 2021).

Observam-se gentes que, de terço na mão, dão voltas à Capela em jeito de pagamento das promessas realizadas. As modas de outros tempos dos *Ex-Votos* deixaram de existir, sendo que actualmente, o que ocorre em maior quantidade são as ofertas à Senhora, pessoas que prometem oferecer um manto novo ou o arranjo floral do andor da Senhora da Póvoa, que diz Otilia Capelo, como sendo a mordoma mais antiga e com mais experiência “chega a custar 700€” (Otilia Capelo, Vale da Senhora da Póvoa, Maio de 2021).

As descrições realizadas pelos entrevistados, em que esta romaria, era reconhecida por ser um espaço de reencontro fraterno de familiares e amigos de longa data que já há muito que não se viam, é observável no recinto, por todo o lado se vêem abraços discretos, pelo estado pandémico não permitir a extrapolação das emoções sentidas no momento do reencontro, alguns procuram-se nos locais habituais.

Às 11 horas, pudemos observar o início da missa, faz-se silêncio no recinto, os burburinhos das conversas que anteriormente eram ouvidos aqui e ali cessam, em sinal de respeito. Torna-se interessante reparar na ocupação do espaço pelos romeiros, atentando na reutilização dada aos equipamentos do recinto. O caso do coreto que, após a sua construção e durante décadas serviu de palco a bailaricos de música popular e altar para a celebração da missa campal, tal como nos descrevem os mordomos Otilia e Joaquim Capelo (Otilia e Joaquim Capelo, Vale da Senhora da Póvoa, Maio de 2021), neste momento e pela sua posição central em relação ao recinto é ocupado pelas pessoas mais idosas para assistirem à celebração. (Figura 20)

[94] “A Nossa Festa”, In Jornal Voz da Paróquia, Boletim Paroquial de Vale da Senhora da Póvoa, Ano VIII, nº 80, 1968, pág. 3.



[Fig. 20] Coreto com os mais idosos sentados.

Após o término da missa assiste-se à desmobilização quase total dos romeiros do recinto. Algumas pessoas acercam-se à porta da capela, baixam a cabeça e dizem umas palavras em jeito de despedida, outras juntando-se em torno da imagem ainda no altar exterior e num tom quase envergonhado entoam alguns dos cânticos do cancionero tradicional, sem qualquer acompanhamento musical.

Outros, permanecendo dentro do recinto, agrupam-se em pequenos grupos e tratam de comer as merendas que foram trazidas para o efeito, seguem-se os momentos de fraterno convívio.

Observam-se por todo o recinto grupos de pessoas que tiram fotografias à entrada da capela, junto à Senhora, que se encontra exposta no altar exterior, ou à entrada do recinto, como forma de perpetuar mais uma vinda à romaria (Figura 21).



[Fig. 21] Grupo de motards a tirarem a última foto do dia.

Não se realizando a designada procissão do adeus, já referida anteriormente, que faz parte do momento de despedida e que por norma ocorria no fim da missa, a imagem da Senhora da Póvoa permanece no altar exterior para que possa ser adorada pela tarde fora por romeiros que vão chegando ao recinto.

Após o almoço, o convívio continua entre os grupos que permaneceram no espaço. Uns conversam e bebem uns copos, outros jogam às cartas e os mais novos entertêm-se com uma bola ou com um telémovel.

Mesmo com a pandemia, nota-se que as pessoas vêm à romaria com os mesmos preceitos que anteriormente as aqui trazia. Tal como refere a quadra popular:

"Nossa Senhora da Póvoa
Bem me podeis perdoar
Eu venho à Vossa romaria
Para cantar e bailar"

Tristeza para alguns romeiros que sentem a falta de um acordeão ou uma concertina chegando a dizer em jeito de desconsolo "tocador nenhum, adufes nem vê- los, a pandemia retirou a alegria a este terreiro".

Já próximo das 17 horas novos peregrinos se vêm chegar ao santuário, dirigem-se à Capela, ou à imagem da Senhora que permanece no altar exterior, e de vez em quando lá se houve por entre as gentes, em tom envergonhado alguns dos versos do cancioneiro tradicional de devoção à Senhora:

"Nossa Senhora da Póvoa
Ainda agora aqui cheguei
Tantos anjos me acompanham
Como di passadas dei"

Pudemos observar, neste momento, movimentos dos mordomos em torno de uma carrinha que se encontra junto do altar que servirá para transportar a imagem pelas ruas da aldeia, em procissão de certa forma substituindo a procissão do adeus, os mordomos aconchegam a Senhora, apertando o andor com grandes cintas em tecido para que esta não caia. A carrinha encontra-se equipada com altifalantes por onde sairá músicas e as palavras do Padre que irá a acompanhar a imagem.

De seguida sai do recinto a procissão, encabeçada pelo carro de um mordomo, que mostra o caminho por onde passará a imagem. Dirige-se ao Lar de Idosos Povoasol, para que os residentes possam despedir-se e prestar voto à sua Senhora, visto estes não se poderem deslocar ao Santuário. Segue para a aldeia, onde os romeiros, na maioria habitantes da aldeia, a esperam incessantemente. Nos largos avistam-se aglomerados de pessoas, que em divertimento e conversas aguardam a passagem final, os mais idosos empunham lenços brancos que servirão para acenar, velas que serão acesas no momento da passagem e ainda caixas com pétalas.

Ao longe ouve-se no altifalante, cânticos de Avé Maria, e as palavras do Padre, neste momento acendem-se as velas e preparam-se as pétalas, à passagem da imagem estas são atiradas em jeito de adoração, os lenços são acenados em forma de despedida e isto repete-se por todas as ruas e largos. E após a imagem ter passado por todos os largos e ruas regressa ao recinto acompanhada apenas pelos mordomos e pelo Padre.

Já no recinto do Santuário retira-se a imagem da carrinha e deposita-se na Capela onde permanecerá até ao dia seguinte, de onde sairá apenas para a realização da missa e após



essa missa é novamente guardada no interior da igreja, até ao ano seguinte ou para alguma missa que possa decorrer ao longo do ano.

Em pergunta aos mordomos como acham que tinha corrido o dia um respondeu "deram-se mais de 2000 estampas, não foi bom nem mau", em jeito de comparação, reitera o mordomo "no ano de 2017 deram-se mais de 7000 santinhas" (Joaquim Capelo, Vale da Senhora da Póvoa, Maio de 2021).

[Fig. 22] Guiões durante a procissão.



[Fig. 23] Pormenor do Guião de Nossa Senhora da Póvoa.

CONCLUSÕES

A romaria da “Virgem Santíssima” invocada, neste caso, pela Nossa Senhora da Póvoa constitui-se, até à actualidade, como um importante marco identitário para as comunidades locais, tanto dentro como fora do concelho de Penamacor. Continuando, a vinda a este local sagrado pelos romeiros, cinquenta dias após o Domingo de Páscoa, caracterizado no calendário litúrgico pelo Domingo do Espírito Santo, a perpetuar-se a cada ano que passa. Sendo de opinião geral que esta romaria se estabelece como importante divisa para os aspectos culturais e económicos da região onde se insere.

Em relação à ligação da romaria com os aspectos políticos da região acredita-se que no momento actual, esta linha se encontre, de certa forma, muito degradada, atente-se em acontecimentos do passado, no caso da mudança do nome da comunidade de onde é originária a romaria, desde, pelo menos, o século XIII conhecida como Vale de Lobo, sofreu uma mudança no século XX para Vale da Senhora da Póvoa, atestando a importância desta nos termos sócio-políticos da comunidade em si. É certo no entanto que, em oposição ao que acontece em territórios vizinhos⁹⁵, em que adoptaram desde logo como dia de feriado municipal o dia da maior romaria que existia no concelho de origem, em Penamacor aconteceu o contrário tendo sido seleccionado o dia da romaria da Senhora do Incenso⁹⁶, que embora constituindo-se como uma romaria de inferior calibre da Senhora da Póvoa assume um papel de maior importância dentro das dinâmicas políticas do território representado pelo concelho de Penamacor, apartir daquele momento⁹⁷.

Na perspectiva de Carlos Montes de que o homem desde sempre possui a necessidade de marcação de territórios e que essa marcação se daria pela presença de santuários marianos próximos de regiões de fronteira, congregada por uma essencial necessidade de sacralização dos limites⁹⁸, através da imposição destes locais de culto, vem após este trabalho desacreditar-se. Embora o santuário da Senhora da Póvoa se encontre numa comunidade da raia portuguesa identificámos diversos elementos que nos levam a apontar este local como um momento de união, de encontros e reencontros de pessoas e comunidades tanto nacionais como internacionais. Além das entrevistas efectuadas também os registos históricos nos levam a este facto, diversos autores descrevem a vinda de ranchos de pessoas das terras

[95] Atente-se no caso do Fundão cujo o feriado municipal é o dia da romaria à Santa Luzia, ou em Idanha-a-Nova cujo feriado municipal é o dia da romaria à Senhora do Almortão, ou ainda o caso de Castelo Branco cujo feriado municipal é o dia da romaria da Senhora de Mércules.

[96] Veja-se para o caso o artigo de Manuel Toscano Ribeiro, “Festas e Romarias, a romaria da Senhora do Incenso. Religiosidade Popular, Romarias”, in *Cultura Popular Portuguesa, Investigar para recordar com passado, presente e futuro*, Raiace-Centro de Formação de Associação de Escolas da Raia Centro, Castelo Branco, 1999, pág. 13 a 45.

[97] Para a temática das ligações da religiosidade popular com os aspectos políticos da região veja-se a seguinte publicação: Ángel Espina Barrio, “Virgenes, poder y politica en Recife”, in *Poder, Política y Cultura, Antropologia en Castilla y León e Iberoamerica*, VII, Editorial Massangana-Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 2005, pág. 99 a 123.

[98] Carlos Montes Pérez, “Territorialidad, fronteras y su elaboración simbólica. Religiosidad en la Raya”, in *Antropologia en Castilla y León e Iberoamerica*, III. *Fronteras*, Instituto de investigaciones antropológicas de Castilla y

León, Salamanca, 2001, pág. 129 a 152, para mais informações pode consultar-se ainda Carlos Montes Pérez, “La sacralización del limite a través de los cultos marianos”, in *Antropologia en Castilla y León e Iberoamerica. Aspectos Generales y Religiosidades Populares*, Instituto de investigaciones Antropológicas de Castilla y León, Salamanca, 1998, pág. 311 a 324.

de Espanha a este local, nessa perspectiva caracterizamos a Senhora da Póvoa como um local de união de povos e não de segregação. No entanto deixamos esta questão em aberto necessitando de uma análise mais aprofundada para podermos tecer algo mais sobre ela.

Da tentativa de reconstituição da romaria através da memória oral, que se constituiu como um dos objectivos primordiais deste trabalho, conclui-se por um lado que a memória oral tanto singular como colectiva se encontra quase votada ao esquecimento. Durante o trabalho de campo sentimos muita dificuldade em retirar informações das pessoas, não só pelo facto de estas se encontrarem retraídas devido à pandemia mas também pelo facto de muitas se encontrarem desprovidas das memórias de infância, acreditando-se que este facto também se deve às transformações que estas práticas têm sofrido ao longo do tempo. É no entanto ponto assente, corroborado pelos dois métodos utilizados⁹⁹, que o auge centralizador, de congregação dos romeiros neste espaço de festa e de fé, durante a primeira metade do século XX, é o período festivo de engalanamento dos carros que serviam de meios de transporte para a romaria, bem como o convívio fraterno que por sua vez levava aos reencontros entre os diversos indivíduos no momento da romaria, ocorrência que se vem a perpetuar até à actualidade. Conclui-se que estes dois pontos são dos que se encontram mais marcados na memória da comunidade local.

Como pudemos constatar, durante o trabalho de campo, a comunidade encontra-se dividida no que toca ao ponto de interesse desta prática, nuns casos os romeiros vêm por devoção, noutros casos vêm pelo reencontro de velhos amigos ou familiares de há muito. Como vimos em algumas entrevistas, mais recentemente, as pessoas vêm, devido à feira que caracteriza esta e outras romarias da Beira Baixa. No entanto em todos os casos, a resposta está, de alguma forma, associada aos processos de reencontro que se criam em torno da romaria.

Ao longo do século XX, a sociedade tem vindo a sofrer modificações de vários âmbitos, de certo modo essas alterações têm-se feito sentir nas práticas em torno da romaria, aquela que na qual mais se denota a alteração é, sem dúvida alguma, a influência da modernização dos meios de transporte. Como observámos, no momento dedicado à descrição da romaria na primeira metade do século XX e já referido anteriormente, o embelezamento dos meios de transporte, naquele caso os carros de bois bem como todo o ritual social de convívio que se criava em torno desta mesma acção, encontrou-se ameaçado pela chegada dos novos meios de transporte, como os autocarros e os automóveis, que servem agora para deslocação dos romeiros pelas várias razões que vimos anteriormente. Ou seja, as acções de modernização, pelas quais ficou marcado o século XX, encontram-se na raiz do desaparecimento deste ritual.

Em segundo lugar acreditamos que, de certa forma, a degradação dos valores católicos, apreendidos no seio das famílias tradicionais, constitui também um dos principais factores para a desvinculação entre a comunidade e o culto da Senhora da Póvoa bem como da sua romaria. É no entanto fulcral analisar dois contextos distintos neste caso, se no parágrafo

[99] Falamos do levantamento bibliográfico realizado previamente, bem como as entrevistas realizadas ao longo do trabalho de campo.



[Fig. 24] Cruzeiro no interior do recinto de Nossa Senhora da Póvoa.

anterior abordávamos questões de âmbito profano da romaria, como foi o caso do reencontro e do convívio social que ocorre no espaço vivencial desta, neste caso referimo-nos às questões directamente ligadas com as crenças religiosas, em que se percebe ao longo do tempo a existência de uma perda de identidade por parte das camadas mais jovens, tal como já foi referido anteriormente, este caso é bem frisado por grande parte dos entrevistados.

Também ao nível da alimentação foram encontradas algumas diferenças, relatam-nos os entrevistados, que os rituais de comensalidade que compunham as horas de repasto, eram pautados por autênticos momentos de partilha comunitária em que cada qual partilhava o que de melhor tinha na sua merenda. Este uso tem vindo a perder-se ao longo do tempo com o aumento da presença contínua de pequenos restaurantes que vieram tirar o lugar às merendas, que serviam de repasto aos romeiros, no entanto nos tempos actuais apenas os mais ligados aos costumes ainda, em jeito de recriação, se fazem acompanhar dos seus ovos verdes, celgas fritas, sardinhas fritas entre outros produtos que faziam parte das dietas daquele tempo e que foram apresentados anteriormente, constituindo importantes marcos de património gastronómico local.

No que toca às definições processuais da romaria em si assistimos a uma divisão do que é a romaria em termos sagrados e profanos, tanto em contextos geográficos como vivenciais. Se por um lado a construção do muro de separação do santuário veio definir o espaço sagrado onde decorrem os momentos religiosos do espaço profano onde decorre por exemplo a feira, isto num contexto geográfico. As vivências sociais encontram-se bem definidas no que são os aspectos sagrados e profanos, numa longa escala diacrónica, como constatámos anteriormente.

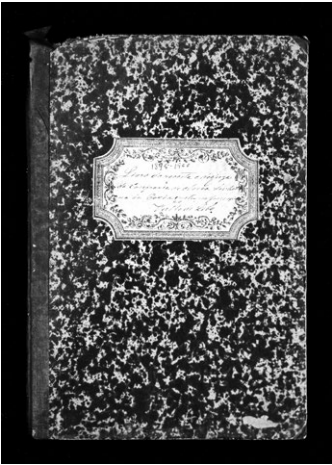
Toda a organização da romaria encontra-se centrada na figura do Padre local, é no entanto ao povo que cabe este tipo de práticas definidas pela religiosidade popular, que em jeito de associação comunitária constituem a mordomia da Senhora da Póvoa. Alterando de quatro em quatro anos, o ritual de selecção e nomeação desta comissão estabelece-se só por si como um processo neste momento em desaparecimento, devido, principalmente à desertificação que caracteriza esta região neste período, podendo colocar em risco a renovação destas práticas.

No seio desta mordomia encontra-se sempre um casal de mordomos mais antigo, que de certa forma assume os processos de passagem do testemunho para os mais recentes e cuida de ensinar aos mais jovens todos os processos que dizem respeito à organização da romaria. No entanto o facto de a cada ano que passa haver cada vez menos gente na povoação leva a colocar a hipótese de a romaria se encontrar em perigo de desaparecimento. Esta situação leva-nos a colocar uma pergunta pertinente, se a romaria, que além de um acto de fé, concebe-se como um processo comunitário de transmissão inter-geracional, e no seio desta transmissão se encontram as comunidades, e se essas se encontram, de certa forma, em abandono dos seus territórios, o que será deste espaço? O que será destes rituais? O que serão destas vivências?

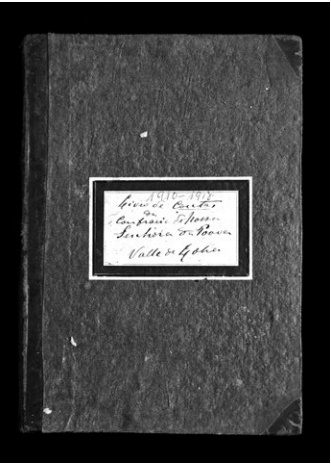
Do ponto de vista geral acreditamos que a revitalização desta e de outras romarias encontra-se em plena discussão desde há muito tempo. Atente-se nas palavras de Rolão Preto, que nos anos 60 assim deixava escrito: “...tanto quanto uma romaria como a Santa Luzia pode traduzir o que se está passando com as outras romarias da Beira, uma certeza é já iniludível: as romarias morrem”¹⁰⁰. Creio que é unânime que a revitalização da romaria da Senhora da Póvoa, bem como todas as outras, poderá passar pela sua patrimonialização.

Para o trabalho realizado, e em especial para o estudo mais aprofundado da Confraria tornou-se indispensável o trabalho de leitura e transcrição dos documentos históricos que lhe dizem respeito, desde livros de confrades aos livros de receita e despesa que fornecem dados circunstanciais para a percepção da romaria em si mas também das dinâmicas socio-culturais da região, estas transcrições podem ser consultadas em livro junto do Museu Municipal de Penamacor e ainda da Biblioteca Municipal, sendo incomportável, por uma questão de volume a sua impressão na íntegra.

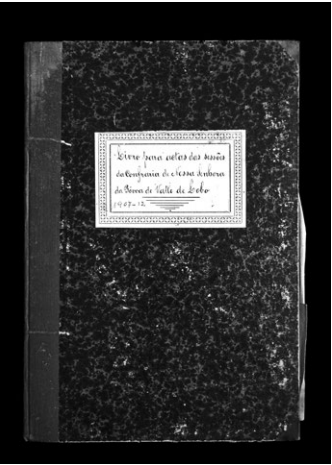
O estudo aqui plasmado bem como todo o conjunto de ciências sociais onde se insere a antropologia encontram-se na base deste tipo de processos de onde nunca poderemos descurar os rituais e os espaços ritualizados, mas nesta gestão devem concentrar-se os esforços no envolvimento das comunidades afectas a estes processos de ritualização, tendo para isso, os estudos antropológicos, um papel preponderante nas definições de patrimonialização destas e de outras geografias afectivas.



[Fig. 25] Livro de despesas da Confraria.



[Fig. 26] Livro de receitas da Confraria.



[Fig. 27] Livro de doações.

[100] Rolão Preto, *Inquietação*, Specil, Lisboa, 1963, pág. 131.



BIBLIOGRAFIA

BIGOTTE, José Quelhas, *O culto de Nossa Senhora na Diocese da Guarda*, Papelaria Fernandes, Lisboa, 1948, pág. 288 a 308.

BENTO, Manuel Pires, *À Luz da Estrela*, reedição da Câmara Municipal de Penamacor, coordenação de André Oliveirinha, Penamacor, 2023.

CABANAS, António, *Vale da Senhora da Póvoa e a Sua Romaria*, Câmara Municipal de Penamacor, 2016.

SILVA, Joaquim Candeias da, “Romarias de Penamacor – um património beirão e transfronteiriço com história”, in *II Colóquio de Arqueologia e História do Concelho de Penamacor*, Coordenação Pedro Salvado e André Oliveirinha, Penamacor, 2019 (no prelo).

CARPINTERO ARIAS, Pablo, *Os instrumentos musicais na tradición Galega*, Editora Difusora de Letras, Galiza, 2010.

CARVALHO, Pedro C., *Cova da Beira. Ocupação e exploração do território na época ramana*, Câmara Municipal do Fundão e Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Fundão, 2007.

CORDEIRO, Adelino, *Entografia da Beira. Religião e Crendices, Lendas e costumes de Penamacor*, Editora Aurora do Lima, Viana, 1937.

CORREIA, Joaquim Manuel, *Terras de Riba Côa, Memórias sobre o concelho do Sabugal*, Câmara Municipal do Sabugal, 1946.

CRISTÓVÃO, José, *A Aldeia histórica de Idanha-a-Velha, Guia para uma visita*, Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, 2008.

CURADO, Fernando Patricio, “Epigrafia latina do Concelho de Penamacor”, *Reconquista*, nº 3045 (de 23 de Julho), Castelo Branco, pág. 39.

DIAS, Jaime Lopes, *Etnografia da Beira*, O que a nossa gente canta, volume II, Câmara Municipal de Idanha a Nova, 1964, pág. 147.

DIAS, Jaime Lopes, *Etnografia da Beira*, Volume I a X, Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, Lisboa, 1971.

ENCARNAÇÃO, José d', “28 anos de estudos sobre a religião na Lusitania Romana”, in *Lvsitania Romana del passado al presente de la investigación*, coordenação de María José Perez del Castillo, editora Trinidad Nogales Basarrate, Mérida, 2017.

ESPINA BARRIO, Ángel-B, *Manual de Antropologia Cultural*, Amaru Ediciones, Salamanca, 1997.

ESPINA BARRIO, Ángel-B, “Festividades Marianas en Castilla y América: una visión comparativa”, in *Antropologia en Castilla y León e Iberoamérica. Aspectos Generales y Religiosidades Populares*, Instituto de investigaciones Antropológicas de Castilla y León, Salamanca, 1998.

ESPINA BARRIO, Ángel-B, “Virgenes, poder y política en Recife”, in *Poder, Política y Cultura, Antropologia en Castilla y León e Iberoamerica*, VII, Editorial Massangana – Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 2005, pág. 99 a 123.

FERRO, Sara, *Carta arqueológica de Penamacor*, Câmara Municipal de Penamacor, 2016.

Filhos de José Lopes Dias, *José Lopes Dias, Educador e Bemérito*, Editorial Império, Lisboa, 1950.

GARCIA, Maria Antonieta e MANSO, Henrique, *Forais de Penamacor*, Câmara Municipal de Penamacor, 2ª Edição, 2020.

GASPAR, Diogo, VALENTE, Francisco, coord., *Imagens de Fé. Ex-votos da diocese de Portalegre–Castelo Branco*, Câmara Municipal de Castelo Branco, Diocese de Portalegre, Castelo Branco, 2015.

GIL, Júlio e CALVET, Nuno, *Nossa Senhora de Portugal, Santuários Marianos*, Intermezzo-Audiovisuais, Lisboa, 2003.

GÓMEZ HERNANDÉZ, Alphonso, “El culto a la Virgen, como manifestación de conflictos intracomunales”, in *Antropologia en Castilla y León e Iberoamerica. Aspectos Generales y Religiosidades Populares*, Instituto de investigaciones Antropológicas de Castilla y León, Salamanca, 1998, pág. 215 a 230.

LANDEIRO, José Manuel, *Penamacor na história na tradição e na lenda*, Penamacor, 1982.

LIMA, José da Silva, “Religiosidade Popular”, in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Volume P-V, coordenação de Carlos Moreira Azevedo, Círculo de Leitores, 2001, pag. 107 a 120.

LOBATO, João Rodrigues, “Esboço Monográfico da parte nordeste da Freguesia de Penamacor”, in *Actas do I Colóquio de Arqueologia e História do Concelho de Penamacor*, Arcinpe, Penamacor, 1982, pág.163 a 181.

MALINOWSKI, Bronislaw, *Los Argonautas del Pacífico Occidental*, Volume I, Planeta Agostini, Barcelona, 1986, pág. 19 a 28.

MARCELO, Manuel Lopes, *À Lareira da Memória*, ADRACES, Penamacor, 2018.

MONTEIRO, José Alves, *Pequena história de um museu, fundo e catálogo*. Carta arqueológica do Concelho do Fundão, Lisboa, 1978.

MONTEMOR, Nuno de, *Maria Mim*, Câmara Municipal do Sabugal, 4ª Edição, 2003, pág. 295 a 3017.

MONTES PÉREZ, Carlos, “Territorialidad, fronteras y su elaboración simbólica. Religiosidad en la Raya”, in *Antropologia en Castilla y León e Iberoamerica, III. Fronteras*, Instituto de investigaciones antropológicas de Castilla y León, Salamanca, 2001, pág. 129 a 152.

MONTES PÉREZ, Carlos, “La sacralización del limite a través de los cultos marianos”, in *Antropologia en Castilla y León e Iberoamerica. Aspectos Generales y Religiosidades Populares*, Instituto de investigaciones Antropológicas de Castilla y León, Salamanca, 1998, pág. 311 a 324.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, *Festividades Cíclicas em Portugal*, coordenação de Joaquim Pais de Brito, Portugal de Perto Publicações Biblioteca de Etnografia e Antropologia, Lisboa, 1984.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, *Instrumentos Musicais Populares Portugueses*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1966.

PENTEADO, Pedro, “Santuários”, in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Volume P-V, coordenação de Carlos Moreira Azevedo, Círculo de Leitores, 2001, pág. 164 a 177.

PEREIRA, Lúgia, “Sagrado e Profano”, in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Volume P-V, Coordenação de Carlos Moreira Azevedo, Círculo de Leitores, 2001, pág. 143 a 150.

PINHO, Flávio, *O cancioneiro Musical de Penha Garcia*, Palimage, Coimbra, 2011.

POLLACK, Michael, “Memória e Identidade Social”, in *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, Volume V, nº 10, 1992, pág. 200 a 212.

PRETO, Rolão, *Inquietação*, Specil, Lisboa, 1963.

SANCHEZ-PALENCIA, Javier, *Investigación y valoración de las zonas mineras y civitates del NE de Portugal*, Memoria, Madrid, 2012.

SALVADO, Pedro Miguel, *Elementos para a cronologia e para a bibliografia de Idanha a Velha*, Câmara Municipal de Idanha a Nova, 1988.

SALVADO, Maria Adelaide Neto, *A anunciação à Virgem Maria na religiosidade do interior da Beira*, Raiz do Tempo, Palimage, 2001.

SALVADO, Maria Adelaide Neto, *Nossa Senhora da Azenha: a luz dos dias das gentes da raia*, Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, Idanha-a-Nova, 2001.

SALVADO, Maria Adelaide Neto, “As vias da cura - Os Ex-Votos do Museu Francisco Tavares Proença Junior”, in *Cadernos de Cultura, Medicina na Beira Interior, da Pré História ao Século XXI*, RVJ Editores, Castelo Branco, Novembro 2018, pág. 117 a 122.

SALVADO, Pedro, “O Fundão das Ermidas desaparecidas”, in *A Cidade Revista da Junta de Freguesia do Fundão*, Junta de Freguesia do Fundão, Fundão, 2005, pág. 51 a 69.

SALVADO, Pedro, BARATA, Filomena e BIZARRO, Joana, “O concelho de Penamacor nas colecções de José Alves Monteiro”, Póster apresentado no *II Colóquio de Arqueologia e História do Concelho de Penamacor*, sob coordenação de André Oliveirinha e Pedro Miguel Salvado.

SANTO, Moisés Espírito, *Origens Orientais da Religião popular Portuguesa*, Assirio e Alvim, Lisboa, 1988.

SANTO, Moisés Espírito, *A Religião Popular Portuguesa*, 2ª Edição, Assirio e Alvim, Lisboa, 1990.

SANTOS, Mário Farinha dos, *Pré-história de Portugal*, Biblioteca das Civilizações Primitivas, Verbo, Lisboa, 1985.

TOSCANO, Manuel Ribeiro, “A romaria à Senhora do Incenso. Religiosidade Popular, Romarias”, in *Cultura Popular Portuguesa. Investigar para recordar, com passado, presente e futuro*, Raiace – Centro de Formação de Associação de Escolas da Raia Centro, Castelo Branco, 1999, pág. 13 a 45.

TURNER, Victor, “Símbolos en el Ritual Ndembu”, in *La selva de los Símbolos. Aspectos del ritual Ndembu*, Siglo XXI, Madrid, pág. 21-35.

VILAÇA, Raquel, *Aspectos do povoamento da Beira Interior (centro e sul) nos finais da Idade do Bronze*, Volume I, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1994; VILAÇA, Raquel, “Depósito metálico na Ribeira da Gardunha, Castelejo, Fundão”, in Revista Eburóbriga, Câmara Municipal do Fundão, Fundão, 2013.

VILAÇA, Raquel, “Depósitos de Bronze do Território Português, Um debate em aberto”, in *O Archeologo Português*, Série IV, 24, 2006, pág. 9-150.

VILAÇA, Raquel, “Comércio a longa e curta distância na Idade do Bronze”, in *História Global de Portugal*, Coordenação Carlos Fiolhais, José Pedro Paiva e José Eduardo Franco, Editora Temas e Debates, Lisboa, 2020.

WEBGRAFIA

<http://www2.icnf.pt/portal/ap/r-nat/rnsm/class-carac> [consultado a 01-05-2021]

<https://www.cm-penamacor.pt/o-concelho/caraterizacao> [consultado a 01-05-2021]

<https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=4241987>[consultado a 01/05/2021]

<https://terramater.pt/>[consultado a 15/05/2021]

<https://static1.squarespace.com/static/58ab3460ff7c50f538f3314e/t/5bf2831703ce64bc23121864/1540999811749/evo326.mp3/original/evo326.mp3> [consultado a 01-05-2021]

ANEXOS



ANEXO I

GUIÕES E QUADRO DE ENTREVISTAS

GUIÃO DE ENTREVISTA AOS MORDOMOS

DADOS PESSOAIS

- Nome
- Idade
- Morada
- Local de Nascimento
- Estado Civil
- Filhos
- Profissão
- Escolaridade

A ROMARIA

- 01 – Há quanto tempo faz parte da organização da Romaria?
- 02 – Como teve contacto com a mordomia da Romaria?
- 03 – Como é feita a gestão da Senhora da Póvoa?
- 04 – Quanto tempo foi mordomo?
- 05 – Porque é que aceitou ser mordomo?
- 06 – Quais as suas funções, dentro da organização da Romaria?
- 07 – Acha diferenças nas práticas realizadas durante o processo de organização da Romaria?
- 08 – Com quem aprendeu essas funções?
- 09 – Acha que tem seguidores dentro da comunidade que possam realizar essas tarefas?
- 10 – Como é a ligação dos jovens da aldeia com os processos de organização da Romaria?
- 11 – E as gentes de fora da aldeia, participam nessa organização?
- 12 – Como é feita a selecção dos mordomos?
- 13 – Existe distinção, no que toca à equipa que organiza, entre os processos que dizem respeito à parte comercial da romaria e à parte religiosa?
- 14. – Descreva-me os processos que realiza na organização.

GUIÃO DE ENTREVISTA AOS ROMEIROS/PARTICIPANTES NA ROMARIA

DADOS PESSOAIS

Nome
Idade
Morada
Local de Nascimento
Estado Civil
Filhos
Profissão
Escolaridade

A ROMARIA

- 01 – Costuma vir à Romaria da Senhora da Póvoa?
- 02 – Há quanto tempo vem à Senhora da Póvoa?
- 03 – Vem todos os anos consecutivos?
- 04 – Que actividades realiza quando vem à Romaria?
- 05 – Porque volta? (no caso de vir vários anos consecutivos)
- 06 – Qual a sua ligação à comunidade? (Laços familiares, mora na aldeia, ligação fora destas)
- 07 – Quando e por que razão veio pela primeira vez?
- 08 – Quem o trouxe pela primeira vez à romaria?
- 09 – Lembra-se de como era, quando veio pela primeira vez, existem diferenças da primeira vez que participou para a actualidade?
- 10 – No caso de existirem alterações, para si qual a alteração mais evidente ao longo do tempo?
- 11 – Na sua família vêm mais pessoas?
- 12 – Os seus filhos, como encaram e percebem a Romaria?
- 13 – Descreva-me um dia na Senhora da Póvoa.

GUIÃO DE ENTREVISTA ÀS AUTORIDADES POLÍTICAS

DADOS PESSOAIS

Nome
Idade
Morada
Local de Nascimento
Estado Civil
Filhos
Profissão
Escolaridade

- 01 – Qual o cargo político que exerce neste momento?
- 02 – Há quanto tempo exerce este cargo político?
- 03 – Qual a ligação da população da sua freguesia com a Romaria da Senhora da Póvoa?
- 04 – E os emigrantes são assíduos na Romaria?
- 05 – Na sua opinião qual o peso que a romaria tem para a economia da região?
- 06 – E nas dinâmicas turísticas e culturais?
- 07 – Qual o destino da Romaria nos próximos anos?
- 08 – Acha importante a revitalização da romaria, nas dinâmicas culturais e turísticas da região?
- 09 – O que acha em relação à hipótese do processo de patrimonialização destes aspectos de religiosidade popular para a região?
- 10 – Estaria aberto à realização deste tipo de processos no que toca à Senhora da Póvoa?
- 11 – Quais as políticas culturais que se encontram neste momento em cima da mesa neste âmbito?
- 12 – E no futuro?

GUIÃO DE ENTREVISTA ÀS AUTORIDADES RELIGIOSAS

DADOS PESSOAIS

Nome

Idade

Morada

Local de Nascimento

Escolaridade

- 01 – Há quanto tempo tem ligação com a freguesia do Vale da Senhora da Póvoa e com a sua comunidade?
- 02 – E com a Romaria da Senhora da Póvoa?
- 03 – O que pensa da ligação da comunidade com a Senhora da Póvoa?
- 04 – Como é feita a gestão da Senhora da Póvoa?
- 05 – Quais as suas funções, dentro da organização da Romaria?
- 06 – Acha diferenças nas práticas realizadas durante o processo de organização da Romaria antes e agora?
- 07 – Acha que existem, na comunidade pessoas que possam continuar a realizar esses processos?
- 08 – Como é a ligação dos jovens da aldeia com os processos de organização da Romaria?
- 09 – E as gentes de fora da aldeia, participam nessa organização?
- 10 – Qual a ligação dos emigrantes com a romaria?
- 11 – E a igreja, qual é a ligação da diocese com estes espaços de religiosidade?
- 12 – Acha que o desaparecimento dos ermitões foi positivo ou negativo para a gestão da Senhora da Póvoa?
- 13 – Descreva-me os processos que realiza na organização.

TABELA DE ENTREVISTAS

NÚMERO	NOME	IDADE	CARACTERIZAÇÃO	LOCAL	DATA
Entrevista 01	Maria Nabais Pascoal	88 anos	Romeira	Penha Garcia	Abril 2021
Entrevista 02	João Augusto Rosa Alves	69 anos	Autoridade Política	Meimoa	Abril 2021
Entrevista 03	António Gil	66 anos	Autoridade Política	Benquerença	Abril 2021
Entrevista 04	Otilia Capelo	69 anos	Mordoma	Vale da Senhora da Póvoa	Maio 2021
Entrevista 05	Joaquim Capelo	72 anos	Mordomo	Vale da Senhora da Póvoa	Maio 2021
Entrevista 06	António Pires	56 anos	Romeiro	Vale da Senhora da Póvoa	Maio 2021
Entrevista 07	António Robalo	85 anos	Romeiro	Vale da Senhora da Póvoa	Maio 2021
Entrevista 08	Maria de Jesus Robalo	86 anos	Romeira	Vale da Senhora da Póvoa	Maio 2021
Entrevista 09	Bruno Lopes	29 anos	Autoridade Religiosa	Trancoso	Maio 2021
Entrevista 10	Francisco Abreu	59 anos	Romeiro	Penamacor	Maio 2021
Entrevista 11	António Padez	40 anos	Mordomo	Vale da Senhora da Póvoa	Maio 2021
Entrevista 12	Carlota Cruz	58 anos	Romeira	Penamacor	Maio 2021
Entrevista 13	Maria José Matias	89 anos	Romeira	Penamacor	Maio 2021
Entrevista 14	João Campos	30 anos	Autoridade Política	Vale da Senhora da Póvoa	Maio 2021
Entrevista 15	Catarina Barreiros	26 anos	Autoridade Política	Vale da Senhora da Póvoa	Maio 2021
Entrevista 16	Nanci Gonçalves	49 anos	Romeira	Penamacor	Maio 2021



ANEXO II

QUADRAS À SENHORA DA PÓVOA E PAUTA MUSICAL

QUADRAS DA SENHORA DA PÓVOA

As quadras apresentadas nos quadros seguintes demonstram a infinidade de versos que os romeiros utilizavam como forma de adoração à Virgem, muitas delas encontram-se já esquecidas pela comunidade, sendo que apenas se encontram registadas na bibliografia consultada.

1º – José Quelhas Bigotte, *O culto de Nossa Senhora na Diocese da Guarda*, Papelaria Fernandes, Lisboa, 1948, pág. 288 a 308.

Nossa Senhora da Póvoa Vem à lameira acima Com um cacho na mão Que vem da sua vindima	Nossa Senhora da Póvoa Lá vai o vosso dia Já vos não fazem a festa Como era nalgum dia	Nossa Senhora da Póvoa Nossa Senhora tão bela Os vossos Santos milagres Já chegaram a Castela
Nossa Senhora da Póvoa Virgem abrandai o vento Que se lhe desfolham as rosas Pela santa casa adentro	Nossa Senhora da Póvoa Fui e vim por um caminho À ida por Nossa Senhora À vinda por Deus Menino	A viola é de pinho As cordinhas são de arame o menino Jesus Não há ninguém que o engane
Virgem Senhora da Póvoa De vós espero auxílio Que me faça triunfar Neste mundo de exílio	Nossa Senhora da Póvoa Ainda lá hei-de tornar Que me esqueceu a mantilha Dobrada no vosso altar	Virgem Senhora da Póvoa O vosso adro é chão Mandai-o lavrar Senhora Para o ano dará pão
Virgem Senhora da Póvoa Dai-me o vosso filho dai Dai-mo casarei com ele Será genro do meu pai	Nossa Senhora da Póvoa Tendes sapatinhos brancos Com que passeais no céu Domingos e dias Santos	Nossa Senhora da Póvoa Foi-se-nos já nossa alegria Já vos não fazem a festa Como antigamente fazia
Virgem Senhora da Póvoa Vosso terreiro é varrido Mandai-o lavrar Senhora Para o ano dará trigo	Virgem Senhora da Póvoa Minha boquinha de riso Minha maça camoesa Criada no paraíso	Virgem Senhora da Póvoa Só vos peço mais umm favor Que chegue a ser o que desejo Para vos louvar e ao Senhor

Nossa Senhora da Póvoa Olhai que diz o mundo Que detrás do vosso altar Está um poço sem fundo ⁰¹	Virgem Senhora da Póvoa Meu goivinho amarelo Dai-me um amor solteirinho Que eu viuvo não o quero	Nossa Senhora da Póvoa Fui e vim e não a achei Tinha ido até Lisboa Visitar Sua Magestade El-Rei
Nossa Senhora da Póvoa Tem uma camisa nova Lavada na fonte santa E enxugada na flor da rosa	Nossa Senhora da Póvoa Oh meu goivinho escuro Dai-me um amor solteirinho Que eu não o quero viuvo	Virgem Senhora da Póvoa Nossa tão linda raiana Virai costas a castela Não queirais ser castelhana
Nossa Senho da Póvoa Ó Virgem eu quero andar À sombra do vosso rosto Ao redor do vosso altar	Virgem Senhora da Póvoa Ainda m'agora lembrou O rancho da Meimoa Foi o que mais se destacou	

[01] José Quelhas Bigotte, *O culto de Nossa Senhora na Diocese da Guarda*, Papelaria Fernandes, Lisboa, 1948, pág. 288 a 308.

2º – Adelino Cordeiro, *Entografia da Beira. Religião e Crendices, Lendas e costumes de Penamacor*, Editora Aurora do Lima, Viana, 1937.

Nossa Senhora da Póvoa Este ano não prometo Morreu-me o meu marido Não posso lá ir de preto	Nossa Senhora da Póvoa Dai-me a mão pela janela Que não quiere o ermitão Que entre na vossa capela	Nossa Senhora da Póvoa Já ca vamos à ladeira Deitai a pombinha fora Que vá beber à ribeira
Nossa Senhora da Póvoa À vossa porta cheguei Tantos anjos me acompanhem Como de passadas dei	Nossa Senhora da Póvoa À vossa porta me assento Cansadinha do Caminho Virgem, dai-me algum alento	Nossa Senhora da Póvoa Minha Mãe minha Senhora Aceitai este Rosário Desta pobre pecadora
Nossa Senhora da Póvoa Minha Mãe Minha Madrinha Aceitai este Rosário Desta vossa peregrina	Nossa Senhora da Póvoa Nossa Senhora tão boa Chega a vossa nomeada À cidade de Lisboa	Nossa Senhora da Póvoa Que dais a quem lá vai Dou água das minhas fontes Sombra dos meus olivais
Nossa Senhora da Póvoa Que dais a quem vos visita Às casadas bons legados Às solteiras boa dita	Nossa Senhora da Póvoa Que tendes na mão fechada A relação dos solteiros Ainda não despachada	Nossa Senhora da Póvoa Vosso arraial tem trigo Bem podieis Vós Senhora Dá-lo de meias comigo
Nossa Senhora da Póvoa Que tendes no vosso campanário Um galo preto romano Que canta que é um regalo	Nossa Senhora da Póvoa Olhai o que o mundo diz Detrás da Vossa capela Está um belo chafariz	Nossa Senhora da Póvoa Olhai o que diz o mundo Detrás da vossa capela Está um poço sem fundo
Nossa Senhora da Póvoa Mandai Sol que quer chover Que se molham os vestidos A quem vos quer ir a ver	Nossa Senhora da Póvoa Mandai o tempo alegre Há já três dias que chove Água fria como a neve	Nossa Senhora da Póvoa Acudi ao meu amor Está doente na cama Vão-lhe dar Nosso Senhor
Nossa Senhora da Póvoa Meu coração cá me fica Bem preso ao vosso altar Com vara e meia de fita	Nossa Senhora da Póvoa Que tendes no vosso Sino Um galo preto romano Recorda o Verbo Divino ⁰²	

[02] Adelino Cordeiro, *Entografia da Beira. Religião e Crendices, Lendas e costumes de Penamacor*, Editora Aurora do Lima, Viana, 1937, pág. 30 a 36.

3º – João Rodrigues Lobato, “Esboço Monográfico da parte nordeste da Freguesia de Penamacor”, in *Actas do I Colóquio de Arqueologia e História do Concelho de Penamacor*, Arcinpe, Penamacor, 1982, pág.163 a 181.

Senhora da Póvoa
Minha Santinha tão linda
Chega a vossa nomeada
À cidade de Coimbra
Viv’a Senhora da Póva
Viv’a velha Viva a Nova

PAUTA DO CÂNTICO POPULAR À SENHORA DA PÓVOA

Canções Religiosas
Senhora da Póvoa

The musical score is written in 6/8 time with a key signature of one flat (B-flat). It consists of three systems of music. The first system shows the beginning of the piece. The second system starts with a measure rest (marked '5') in the vocal line. The third system starts with a measure rest (marked '9') in the vocal line and ends with a double bar line.

Nossa Senhora da Póvoa, *bis*
Descei ao Vosso arraial; *bis*
Romaria como a Vossa, *bis*
Não a há em Portugal. *bis*

Nossa Senhora da Póvoa,
Onde ficais situada;
Num desvão da Serra de Opa,
Numa casa caleada.

